

SUMMARIO

	Pags.
PANTHEON PEDAGOGICO	
DR. MANOEL JOSÉ CHAVES, do sr. José Jacintho Ribeiro	4
QUESTÕES GERAES	
A INSTRUÇÃO POPULAR, de L. C.	5
PEDAGOGIA PRATICA	
NOTAS DE PORTUGUEZ, de Luiz Cardoso	7
DIVERSOS	
O KINDERGARTEN, de Margaret Holder	10
DISCURSO proferido pelo director da « Escola Complementar » de Campinas, Antonio Alves Aranha	11
LITERATURA	
HYMNO COMPLEMENTARISTA, do dr. José de Freitas Guimarães	14
HYMNO DA REPUBLICA, do dr. Assis Brazil	14
MINHA JANGADA, de A. R. de C.	15
JATOBÁ, de Ricardo Gonçalves	15
TRES ENIGMAS, de Mucio Teixeira	15
SONETO, de José Bonifacio	16
DE MADRUGADA, de Filinto de Almeida	16
NA SOLEDADE, de Guerra Junqueiro	16
QUINZE DE NOVEMBRO, comedia infantil em um acto, de C. A. Go- mes Cardim	17
ENSINO CIVICO-LITERARIO	
QUINZE DE NOVEMBRO, do menino Annibal M. Gonçalves	21
COLLABORAÇÃO	
PSYCHOLOGIA DA INFANCIA, de Clemente Quaglio	23
O DESENHO NA ESCOLA, de A. R.	26
MOVIMENTO ASSOCIATIVO	29
NOTICIARIO	33
ANNUNCIOS	35

REVISTA DE ENSINO

ORGAM

DA

Associação Beneficente

DO

PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO

PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL

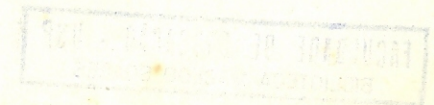
NUMERO 4



SÃO PAULO

TYP. TOLOSA—RUA SENADOR FEIJÓ, N. 7

1907



EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa á *Revista de Ensino* deverá ser dirigida ao seu redactor-secretario—**Augusto R. de Carvalho**—ou ao presidente da Associação, á rua *Sancta Thereza*, n. 28.

CAIXA DO CORREIO, 183

INSPECÇÃO DO ENSINO

S. Paulo, setembro de 1907.

Mui judiciosamente procedeu o benemerito Governo paulista, bem como o sr. Secretario dos Negocios do Interior, em conceder a mais ampla liberdade de acção ao sr. Inspector Geral do Ensino, na fiscalisação e inspecção das escolas publicas primarias do Estado.

Foi uma das mais acertadas decisões e uma interpretação exacta do acto do legislador, que já tem produzido os mais sazonados fructos.

Senhores dos necessarios poderes que lhes outorgaram as leis estadoaes, ss. excias. são os directores e os inspectores supremos da instrucção publica e bem podiam fechar os olhos ao progresso de nossa Patria e encurtar as redeas ás aspirações do magisterio, concentrando, egoisticamente, em suas proprias mãos, todas as attribuições que lhes foram conferidas pelos regulamentos escolares em vigor.

Haveria muita legalidade nessa absorpção de prerogativas, que nenhuma grita, nenhum protesto justo provocaria.

Ss. excias., em seus actos administrativos, poderiam abrir mão, por completo, das auctoridades que lhe são meros auxiliares.

Mas, não.

Ss. excias. viram que, na Inspectoria Geral de Ensino, se acha um moço de uma conducta professional exemplar e de uma honestidade inacessível ao azorrague dos demolidores e á peçonha perigosa de gratuitos detractores.

Ss. excias. perceberam que a luz, diffundida desse fóco de modestia e de reconhecida habilidade, iria logo-logo mitigar as dôres intensas de tantas victimas, fazendo-lhes reseccar as ulceras, que, ha dilatado prazo, zombam da therapeutica de improvisados doutores.

Ss. excias. notaram que, depois que deixou o governo do Estado o venerando dr. Bernardino de Campos, o protector das escolas, depois que se immergiu no profundo silencio de uma cata-tumba o saudoso Secretario do Interior, dr. Cesario Motta Junior; depois que foram alijados á margem, como sobras do Nilo e, á valla do esquecimento, por nullos e pretenciosos, o professor, o educador Gabriel Prestes e a missionaria miss M. Browne, proseguidores do dr. Caetano de Campos, o reformador da instrucção publica; depois de todas essas lamentaveis catastrophes para o ensino em nossa terra—o que se tem visto, o que se não póde negar, o que está na consciencia de todos é que o *balão*, que tão alto subira, começou a precipitar-se em vertiginosa carreira, no movimento uniformemente accelerado das quedas, para o cairel de um abysmo e depois para o fundo dessas gehennas, onde se nos depara, hoje, quasi que totalmente rôto e esfrangalhado.

Ss. excias. viram na e se atemorisaram com essa desanimadora realidade e resolveram dar força a esse discipulo do dr. Caetano de Campos e cruzar os braços.

Sossobrando, a nau havia de fluctuar para attingir, em lucta com os elementos, ao almejado porto de segurança, porque lhe não foge a pericia do leme.

—Amparemos o Inspector Geral do Ensino—pensaram elles—e as nossas esperanças, agitando as azas de esmeralda, partirão em um bando grácil e encantador, pelo azul sem termo da immensidade e conservaremos, para S. Paulo, a supremacia em organização pedagogica e didactica.

Deram a essa legitima auctoridade do ensino, cujo papel é de muita responsabilidade, dez auxiliares, que são desdobramentos de suas qualidades intellectuaes e moraes: em honestidade e competencia, seria impossivel haver maior uniformidade.

São onze professores, são onze caracteres de rara tempera, que valem uma vontade unica e em cujo pensamento só existe uma preoccupação, que é a synthese das aspirações de uma respeitavel collectividade

São onze temoneiros, de cuja habilidade, de cuja illustração, de cuja pericia depende a derrota da arca-sancta do ensino publico.

São elles os agentes encarregados, pela lei, de acompanhar, no seu desenvolvimento, as escolas do Estado; de virificar e interpretar o pensamento que presidiu á sua criação, para participar ao poder central os resultados e as imperfeições; são orgams que exigem essas proprias instituições para se conservar e prosperar.

Muito elevada é a missão dos Inspectores do ensino: prestigial-os sempre e cercal-os de respeito, cumal-os de gentilezas e acatar suas deliberações—tal deve ser, dora avante, o dever de todos que almejam para o nosso Estado á hegemonia na instrucção popular.

Possam elles guiar sempre e aconselhar os professores no exercicio de suas funcções, e as auctoridades e as commissões e delegados e empregados, que entendem no ensino, para cumprimento das suas obrigações, impostas pelas leis e regulamentos.

A *Revista de Ensino* applaude a orientação da Inspectoria Geral da Instrucção Publica e faz votos para que consiga levar ao cabo tão bellas intenções.

Si lhe faltar algum conforto no meio da jornada, si difficuldades lhe vierem esmorecer o animo—lembre-se de que, em cada professor, tem um amigo e que todos e o Governo Paulista e mesmo o Povo têm os olhos voltados para as escolas, porque é dahi que ha de sahir a grãdeza futura de nossa Patria e da Republica.

QUESTÕES GERAES

O ENSINO

(NOTAS ESPARSAS)

AO PROFESSOR AUGUSTO DE CARVALHO

SUMMARIO: — I. Decadencia do ensino. II. Dose e gradação do ensino. III. Ensino integral e suas phases: o encyclopedismo. IV. A educação physica e a esthetica. V. A leitura na educação esthetica. Nota final e conclusão.

I

Decadencia do ensino

Prezado amigo,

Li vosso bom trabalho á cerca do programma e do ensino em nossas escolas primarias. Francamente approvo vossos intentos e esforços para levantar o rebaixado nivel de nosso ensino em geral. De um zenit luminoso, a que aspirámos com demasiada ancia, pendemos para um obscuro nadir, que a todo custo precisamos evitar.

As reformas parciaes ou contraditorias estão reduzindo o ensino a uma congérie incharacteristica de cadeiras incolores, isoladas, com materias mal distribuidas.

A especialização multiplicou as cadeiras e fez o *surmenage*, pelo dever de haurir a instrução em diversas, em descoordenadas fontes didacticas. A generalização das *equiparações* fez do mal um andaço, uma epidemia, e é já sensível a ignorancia, o desequilibrio didactico da nova geração.

O ensino de mathematica soffre barreiras, desde os calculos mais simples, ou é executado com uma desconnexão que torna a geometria *preliminar* quasi um estudo *superior*. Não falo da astronomia, para evitar um triste assum-

pto. Os jornaes e os concursos estão cheios de eclipses lunares, que começam ao primeiro contacto com a *penumbra*; estão cheios de calendarios julianos erroneos ou de erroneos heliometros, applicados em parallaxes de estrellas...

A geographia e a historia descriptiva, — que deviam ser *leituras regulares*, systematizadas no ensino da lingua, — constituem cadeiras isoladas para inestheticos desenhos ou decorações exhaustivas.

A leitura não é um ensino esthetico, um prazer espontaneo e consciente; não concorre para a autodidaxia do alumno, que tudo espera *dos pontos dados na cadeira*. Todo ensino, toda sciencia fica reduzida *ao que a cadeira deu, á materia, aos pontos que entram* no exame. Quando o alumno vae *ler, vae estudar*, indaga primeiro qual a *materia que entra*... E só *isso* estuda, só *disso* pede explicações a seus professores particulares. A instrucção fica assim de *natural* e nenhum estudo vale por *si*, pelo bem educativo que *delle* resulta...

Tudo se faz como si houvesse o maligno proposito de esterilizar, de apoucar pelo ensino os cerebros de nossos futuros ou actuaes concidadãos. Os brilhantes artigos do *Jornal do Commercio*, em phrase tersa e colorida, desnudaram muitas mazellas desses antros do ensino, em que a insabidade se consorcia e se desenvolve muitas vezes com a anti-hygiene, a corrupção dos sentimentos mais delicados.

Nosso querido torrão, infelizmente, depois dos aureos tempos de Bernardino de Campos, de Cezario Motta, de G. Prestes, não soube encaminhar-se no carril em que estava assentado. Nesse tempo, faziam as reformas os que se interessavam directamente pelos assumptos didacticos e nelles procuravam ter uma esforçada competencia.

Depois as reformas passaram a ser feitas de afogadilho pelos legisladores apressados, sem informações proprias e sem fontes para as dignamente obter (*). Dahi os vicios que justamente increpaes em nossas escolas. Si mais alto col-

(*) A legislatura actual, eleita de modo a consentir melhor escolha, despertame pessoalmente vivas esperanças. Conheço ahi tales itos verdadeiros, homens sãmente interessados no progresso de nossa terra e capazes de agir conscienciate, por seu proprio alvedrio.

limasseis, verieis na Escola Normal analogos e graves defeitos, que em tempo, em lugar conveniente já tive occasião de apontar. Um detido exame exigiria uma serie de artigos como os do *Jornal*, e eu ainda não me acho de animo para o tentar tão cedo. Talvez o faça, quando veja que dahi resulta algum bem para este ensino, que preten-

do deixar breve na forma actual, demasiado cansativa e extenuante, para quem nelle moureja ha 23 annos.

A' vista, porém, do interesse que vosso trabalho me despertou, e para ser attencioso com um de meus antigos, mais dignos, mais gratos discipulos,—aqui vos envio umas notas esparsas.

II

Dose e graduação do ensino

Parece-me que desde o começo devemos dar o ensino completo sobre um assumpto e não um disfarce, um arremedo, sob côr de que *mais tarde* se aprenderá a *verdade inteira*. Sei a objecção classica, baseada nas phases que deve ter um mesmo ensino, de modo a tripartil-o em *elementar, secundario e superior*—livre cada qual de subdividir ainda as phases ternarias. Sei; mas a impugno cordialmente. Cada coisa deve ser ensinada a seu tempo e na forma definitiva, de verdade permanente, conforme estiver assentada na disciplina em questão. Si o assumpto *deve* ser

objecto de ensino, seja logo apresentado com *seu caracter verdadeiro*, que *deve* ser integralmente conservado, e não como enfarte provisório, que depois ha de ser amplificado, polido out mesmo eliminado.

O que se torna preciso é delimitar bem o ensino que se *deve* ministrar em cada phase do desenvolvimento infantil, e então ensinar bem definitivamente, o que ficar incluído no programma de cada phase. Que significa, por ex., ensinar o calculo commum até centenas sómente? Pois não é verdade inconcussa, do calculo completo, que toda operação se reduz ao manejo

de numeros simples? E na arithmetica secundaria, porque fogem os programmas, os professores, os compendios de ensinar a divisibilidade por 7, por 13, etc.?

Não é tambem verdade permanente que a divisibilidade constitue *um caso só* no ensino da arithmetica? E na geometria, na mecanica, porque ensinar duas, tres e quatro vezes os mesmos theoremas, distinguindo o caso das linhas, das superficies, dos volumes, das forças, das velocidades, dos movimentos *em si* (?)?

E' isto que alonga o ensino, fazendo uma noção reaparecer bastas vezes para receber os diversos sacramentos, que a *progressão* tardigrada do ensino vae tristemente, vae illogicamente reclamando. E' isto que faz demonstrar varias vezes um theorema sobre os quadrados de numeros, de linhas numeradas, de areas, de forças, de velocidades ou de

movimentos mal concebidos.

E notae que não entro no dominio das linguas, onde a *grammatiquice*, o *portuguez de analyse* fazem surgir varias vezes a mesma noção nas diferentes aulas de linguas diferentes, ou nas aulas da mesma lingua ensinada por diversos mestres. Ahi o chaos seria horriavelmente *integral*.

Não admira assim que haja depois emperrados ou mal informados detractores do *encyclopedismo* no ensino. Maravilha é que os pobres cerebros juvenis possam contentar tantas hypertensões professoraes e conter tantas ninharias. Num lance de passageiro scepticismo, a gente chega a apreciar que haja tantos professores que não ensinam em suas cathedras, frequentemente desertas. Ao menos assim não concorrem muito para a mole indigesta do chaos didactico, em que são comparsas officiaes.

III

Ensino integral e suas phases : o encyclopedismo

Mas que vem a ser o *ensino integral*? Não é, certo, o encyclopedismo de noções *elementares, secundarias, superiores* ou de sciencias mal concatenadas e expostas em ca-

deiras diversas, por diversos methodos, com doutrinas contraditorias. Isso é o *chaos integral* de um ensino exhaustivo, em que se suppõe um alumno capaz de apprender o que só muitos professores colligados são capazes de lhe ensinar ou de lhe atochar indigestamente, descoordenadamente. É uma luta inglória, é ás vezes uma indigna conspiração, de quemem o Hercules do pensamento poderia escapar illeso, a não ser com o auxilio das aguas lustraes de um novo rio Alpheu...

E tanto mais inglória é a luta quanto ao vencedor não se lhe dá o premio correspondente, quando elle é diplomado, quando se torna officialmente apto para fazer o que os mestres não fazem. O ensino continúa retalhado em cadeiras e nega-se ao alumno formado a competencia que a colligação lhe outorgou. Si propuzermos que os alumnos triumphantes venham ensinar tudo, seguidamente, a discipulos que tudo apprendem, revoltam-se os mestres *parciaes*. Revoltam-se, boquejam dos mais e dizem que é impossivel um homem só, mesmo em annos successivos, *tudo* ensinar a alumnos que, no emtanto, podem apprender *tudo* em varias cathedras, com

varios methodos, com novas introducções, novos enxertos e enfartes novos.

Em verdade, o ensino encyclopedico, integral, assim concebido e praticado, é de todo impossivel, quando não é um pernicioso destruidor da integridade cerebral dos alumnos superbriosos e applicados. O ensino integral deve consistir, antes de tudo, na universalidade da função educativa, applicada a todas as faculdades humanas em evolução. É preciso exercer todas em cada phase do desenvolvimento educativo, e dar-lhes bem, dar-lhes definitivamente o que de juro nessa phase lhes pertence.

Está demonstrado que a educação deve seguir tres phases: 1.^a) *physica e moral*; 2.^a) *esthetica*; 3.^a) *intellectual*. É claro que essas phases podem nitidamente limitar-se pelas idades do educando, salvo casos especiaes. Assim, a 1.^a phase irá até aos sete annos; a 2.^a, até aos quatorze, e a 3.^a, até aos vinte e um. Estas distincções logicas e didacticas só indicam, essencialmente, a preponderancia em cada phase de certos aspectos educativos. Ninguem sensatamente pensará que por ex., a educação moral ou a physica não deva ser curada

em todas as phases. Apenas na primeira phase é predominante a educação physica, de conserva com a moral, que se vae entranhando no organismo novel com os exercicios, com os habitos musculares, nervosos, da vida vegetativa ou da vida de relação.

Assim concebida, a educação integral deve ser praticada por um só mestre, pois, vae ser recebida, vae ser haurida e aproveitada por um *cerebro só*, em cada educando. Acaso um novo mestre, em cada disciplina, em cada aula, se dirige a uma nova cabeça do mesmo alumno? Acaso a Mãe não concebe, forma e educa, no sacro tabernaculo ovogenico, o mesmo feto e o mesmo recém-nado?

Não é a Mãe sózinha que lhe dirige integralmente a educação na primeira phase, a despeito das perturbações, das substituições que accarretam jardins ou escolas maternas? E nestas não é uma sómente a Mãe improvisada que dirige o infante, orpham dos carinhos educativos da verdadeira Mãe ausente?

Só a descuriosa mediocridade ou o aferro a idéas temporaneas pode pugnar pelo ensino de cadeiras isoladas, di-

rigidas por *cerebros diversos*, num conjunto que ha de ser aproveitado por um *cerebro unico*.

É commodo ao mediocre inerte, ao ignavo passar vinte annos a repetir vinte vezes a mesma litania, que formulou ou decorou no primeiro anno de ensino. Assim se têm esterilizado muitos cerebros, que em seu primeiro anno de magisterio se revelaram poderosos e capazes de variar, de aprofundar o ensino, com o estímulo das materias novas em annos successivos. Essa esterilidade pôde ir até á mecanização da intelligencia.

Todos conhecem, nas Academias, os casos de lentes, alias distintos, que repetiam sempre as mesmas postillas, com as mesmas falhas dos primeiros annos de seu tirocinio, e com os mesmos sainetes, repetidos no mesmo ponto da lição. Eu tenho ex-alumnos assim esterilizados, que ainda hoje repetem postillas minhas com redacção só propria ao seculo transacto, e a um estylo que eu fui gradualmente modificando. Num concurso foi para mim um retrospectivo *prazer* escutar-me em linguagem de meus 25 annos...

E tudo isto porque? Pela

simples razão de que o professor leva todos os annos a repetir a mesma disciplina, até duas e tres vezes por dia, como acontece aos lentes da Escola Normal, que ao mesmo tempo ensinam duas e tres secções (com os mesmos vencimentos ou com mesquinhas gratificações addicionaes . . .)

Como o prospecto didactico se transformaria, para o verdadeiro professor, si de anno para anno seguisse com o alumno a progressão de seus estudos!

Em vinte annos repetiria umas cinco vezes a mesma disciplina, mas de quatro em quatro annos e com uma turma nova, com novas luzes geraes, com habitos de generalização, com pensamentos largos, generosos, adquiridos na ideal convivencia com as theorias todas da encyclopedia humana . . . Como fôra grato seguir sempre um professor assim ventilado, assim lustrado pelas auras e pelas lymphas da universal planura do pensamento humano!

IV

A educação physica e a esthetica

Estou suppondo o caso do ensino secundario e do superior. No caso do ensino infantil, esse prazer tambem não existe por inteiro, pois o *Jardim*, o *Kindergarten* usurpa quasi toda a primeira phase da educação materna. Aos professores primarios, em nova usurpação á Mãe educadora, cabe depois completar a educação physica; e é sobre esta que vos envio mais uma nota esparsa. Completal-a ei com ligeiras observações sobre o ensino da leitura e sobre a educação esthetica.

E' preciso que os jogos infantis e a gymnastica tenham

na educação da escola um character menos muscular, menos vegetativo.

Os nervos, a vida de relação, a vida cerebral, acham-se então vivamente interessados no mundo das imagens estheticas, das palavras, dos sons, das formas artisticamente modeladas. O athletismo deve moldar-se em typos estheticos, em jogos calisthenicos: não ha mal em que os homens sejam mui cortezes, sejam amaveis e apprendam a sel-o melhor com a sociedade infantil de suas delicadas collegas. E' preciso não atrophiar as facultades mais nobres com

um brutal desenvolvimento do systema osseo e muscular. Não é para Hercules primevos, nem para Centauros que nos educamos. A vida moderna exige sobretudo um equilibrado desenvolvimento do apparelho nervoso. De seu justo apuramento, da agudeza de nossa vista interna é que depende a civilização actual e a futura principalmente. Melhor trabalha para ella quem melhor emprego fizer de sua força mental. Um subtil invento, um delicado artificio da industria — fructo de labores theoreticos, de imaginativa pensante e coordenadora — desarvora, abate o Hercules mais poderoso, o mais imponente obstaculo physico.

* *

Os nervos são a delicada teia vibratil que envolve, anima, soccorre, alimenta, modera ou excita a massa corporea, em que se entretecem, se entranham ou se ramificam. Nutril-os, desenvolve-os, educal-os é nutrir, desenvolver e educar os musculos, — toda a vida vegetativa. O estomago não funciona si a presidencia nervosa, cerebral o desampara ou se distrae. E' mais decisivo educar o chefe, para me-

lhor desenvolver os vassallos. Já o dizia CAMÕES:

. . . é de vassallos o exercicio
Que os membros têm, regidos da cabeça.

Não é pelo exercicio do corpo que na educação melhor se chega a dominar os nervos, a vida cerebral. Uma demasiada fadiga physica produz insomnias, produz delirio. E mais: as competições, as rivalidades do athletismo exagerado excitam mais os nervos, accendem mais poderosas paixões que a emulação dos intellectuaes, mesmo na *genus irritabile* de que fala Horacio (*genus irritabile vatum!*).

Essas paixões pódem derancar o physico, transtornar o cerebro, e não têm o contrapeso dos habitos mentaes de uma educação theoreticamente regular.

Não curemos, pois, especialmente de fazer gente superrobusta, exemplares de raça musculosa e de nervosidade grosseira, obliteradamente animal. Graduem-se os jogos e a gymnastica sem esquecer: 1^o) que não devemos imitar os paizes frios em que os musculos exigem movimentos physiologicos e movimentos gymnasticos, attrictos mecanicos para

desenvolver calor; 2.^o) que precisamos systematizal-os de modo a cultivar em taes exercicios a civilidade, a polidez, a esthetica em geral.

Não se trata aqui de gymnastica therapeutica, daquella que se aconselha como derivativo ás preocupações mentaes. E' preciso não considerar as creanças como doentes futuros, para lhes ministrar irracionalmente um curativo previo.

No programma de nossas escolas, os jogos e a gymnastica estão em geral bem asentados. Convem melhor regular os brincos infantis, afeiçoando-os aos aspectos da vida, para a qual se preparam jovialmente os parceiros do jogo. Fazamos deste um exercicio cortez, urbano, — sobre alegre e saltitante, — que nos prepare para a vida civil, das ruas, dos bonds movimentados, a exigir muito de nossa urbanidade.

Conviria tambem na gymnastica modificar os pulos, as lutas, os exercicios com *haltères*, quando forcem o alumno a uma emulação, a uma rivalidade que o levam a ex-

cessos inconvenientes ou grosseiros.

Enfim, as leituras estheticas, sãs; os conhecimentos descriptivos do mundo, da sociedade, do homem; os cantos, os desenhos, a modelagem, — tudo em conjunto formará o cortejo educativo, a equilibrar os nervos para melhor se conjugarem com os exercicios musculares.

A esthetica satisfação que experimentamos ao contemplar um correcto exercicio rithmado, uma marcha em espiral, uma evolução em quadrado, etc. mostra bem quanto necessitamos obedecer á logiça, ás regras de nossa vida cerebral. Para ella nada é indifferente: tudo nella inflúe e della recebe colorida, vivaz animação.

Porque não se instituem o *arbor-day*, os *passaios campestres*, a *herborização*, etc., para gaudio dos infantis pulmões, para letificar as almas noviças, que impulsionam uns corpos satisfeitos, a vencer de vezas, a retouçar-se na relva? Porque não ler ahí, em pleno campo, os versos de VIRGILIO, de CAMÕES, de GESSNER, de CASTILHO ou uma scena como a da introdução (I canto) do *D. Jayme* de TH. RIBEIRO? Aos mestres estheticamente esclarecidos, facil é multiplicar ou

combinar os aspectos novos de taes jogos e folguedos salutareos.

A educação esthetica, tendo sua phase dominante, primaria, tem depois seu lugar em tudo, sem nunca se tornar vera-

mente secundaria. Cabem aqui umas observações finaes, especialmente sobre a leitura, que é o poderoso instrumento da educação esthetica, e não só o vehiculo do saber, ou, muitas vezes, de uma curiosidade malsã.

V

A leitura na educação esthetica

A educação esthetica deve abranger o conjunto de nossos meios de expressão pelos sons, pelas formas e pela palavra, — que é som e forma combinados, a reflectir o pensamento humano. Na educação esthetica é preciso que se fale, que se cante e se desenhe ou *modèle*, por forma a revestir gracilmente, elegantemente nossos sentimentos, nossas idéas, nossas acções ou attitudes. A *fala* é o sopro animador que dirige, interpreta e inflamma as demais creações da arte.

Eis porque a leitura assume na educação em geral, e na esthetica em particular, um papel sobremodo relevante. A poesia é a alma que na leitura se expande culturalmente, religiosamente, sonoramente.

Porque escravizar nossa lingua sonora, castiçamente latina — de prosodia assaz generica, secularmente consagrada — aos *methodos* da roufenha lingua anglo-saxonica, de prosodia individualista, especialissima? E porque seguir no ensino os chamados *livros de leitura*, com paginas chatas ou propositalmente achatadas, para as nivelar (dizem) com o intellecto infantil?

Educar é LEVANTAR O NIVEL e não baixal o á cota dos marneis literarios ou das composições chilras, das obras de fancaria. Ensine-se o trecho perfeito, esthetico, nobre, correcto, que force o educando a alçar o nivel proprio, que o estimule a emparelhar-se com os exemplares sãos de nossa cultura completa.

Dois vícios, dois preconceitos cumpre expungir do elemento ensino da leitura e de seu mais alto desenvolvimento literario.

Um é a *palavração* mecânica, integral, decorada, sem a sonoridade essencial dos elementos phonicos, sensíveis e vivos no conjunto verbal. Em nossa lingua não ha mister distinguir sons conforme as palavras em que se acham. As vogaes regularmente não se reciprocam em seus valores. O *a* não é *ei*, não se torna *é*, como no inglez; nem o *i* se faz *ai*, nem o *u* se faz *iu*, nem o *e* se faz *i* ou *ã*, etc.. Também as consoantes não valem conforme as palavras em que são lidas; *ge* é *je*, *gue* é *ghe*, *güe* é *güe* (*ghe + üe*) onde quer que appareça: nunca se torna *f*, como no inglez *trough* = *trof*, etc..

Emfim, não obstante muitas irregularidades orthographicas, nossa lingua tem uma certa constancia de sonoridade verbal, que permite lel-a musicalmente, com suas notas elementares, com seus elementos phonicos, soados combinadamente em palavras e em phrases inteiras, como em musico andamento, como na interpretação musical. Si ninguem de-

cora os accordes, os compassos, as phrases musicaes, para depois solfejar as notas que os assignalam na clave respectiva, — porque em uma lingua, herdeira succedanea de cadenciado canto, se havia de proceder *contrario sensu*?

**

Outro vicio é o duplo achatamento dos trechos ensinados, ou porque os fazem acintemente chatos para as crianças, ou porque os achatam com uma analyse inintelligente, com cerebrinas *transformações*, baptizadas com uma arriçada nomenclatura matagalesca ou *grammatologica*.

O triste resultado de taes vícios é que não sabemos soar as palavras em todos os seus elementos, e não entendemos autores classicos, que escreveram com menos sciencia, com menos idéas do que as programmatizadas em nossó empavonado ensino. A cada passo se ouvem professores e alumnos que dizem *nóis*, *fóis*, *treis*, *possives*, *visives*, *farta*, *falanno*, etc, em vez de *nós*, *fóz*, *tres*, *possivéis*, *visivéis*, *falta*, *falando*, etc..

O methodo da *palavração* *sonorizada*, iniciado por João

de Deus e aperfeiçoado por Silva Jardim, Sebastião Hummel, Hilario Ribeiro e outros, preenche melhor os fins de uma leitura bem *vocalizada*, nitidamente *articulada*, sãmente *espevitada* e phraseada prosodicamente. Tal leitura, quando ministrada por mestres que são capazes de levar o alumno a estudos mais altos, dará mesmo a expressão syntactica, logica, ligada á pronuncia essencial, morphica.

Aqui surge o factor pessoal, que agrava os precitados vícios. Em geral, nossos professores não sabem *ler* de verdade, não sabem *ler* expressivamente. E os directores das escolas costumam relegar os

menos letrados para as classes iniciaes, onde viciam no mesmo nascedouro a pobre, a maltrapilha arte da leitura, tão poetica e affectiva...

Mas eu por aqui me cerro... Estou entrando em seara de minha paixão e de minhas saudades. No ensino primario da leitura senti-me professor de inclinação; ahi muito me exercitei e nelle, hoje mesmo, não me dedigno, antes me honro, me comprazo de exercer minhas poucas forças estheticas... Não quero expandir-me demais, levado por uma propensão que nunca me deixou, mesmo no meio das mais acerbas desillusões...

**

Nota final e conclusão

Aqui estão apenas umas fugitivas notas, a espertar o interesse dos que ainda vivazmente pelem nas lutas do ensino.

Sei que os males apontados têm raizes, têm exemplos no Occidente em geral. Nosso paiz, tão exemplar e bom a muitos respeitoes, nesse particular não tirou o triste privilegio de ser mau á moda

sua. Em toda parte se agita uma iconoclasta multidão, que tudo quer reformar sem bases, sem respeito ás tradições venerandas, sem as luzes de um consagrado saber ou de uma experiencia menos fallaz e mais longa. A mesma conservadora Inglaterra se tem agitado em reformas educativas, em discussões apaixonadas, a proposito do ultimo *education bill*.

Nosso mal está especialmente nas infaustas equiparações, e no prurido annual de reformas parcelladas, sem nexos, sem intelligencia, ou simplesmente pessoas, a visar situações passageiras. É um mal que gafa a instrução publica desde o regimen passado. (*)

(*) Em abril de 1886, já dizia eu na *Revista dos Novos*, com o ardor de joven republicano: "Um exemplo da ausencia de criterio politico dos nossos legisladores, da insciencia de taes homens, está na reforma da instrução publica, tantissimas vezes reformada.— Nisto de reformar instrução publica anda um dispausterio da parte dos nossos homens da governança— O mal não está nos methodos e programmas que alguns individuos possam fabricar da noite para o dia, fazendo-os passar em discussão entre outros que nada percebem dessas cousas"

Um anno depois, na *Procellaria* de Julio Ribeiro, voltei á carga: "Nossos homens da governança... limitam-se a copiar reformas estrangeiras, confeiçoando-as ao modo mais de accordo com os partidos dominantes... Em quanto as reformas forem sujeitas aos interesses ou idéas de partido, nunca poderá haver cousa que preste... Ha melhor exemplo que a reforma da instrução publica? Vejam quanto tempo ha que se trata de melhorar aquillo, que aquillo está a ser organizado sem nunca apresentar-se cousa que sirva!"

Não se dá tempo a que a experiencia fale, e a que os funcionarios se assentem, se adestrem num labor regular, sabido, compensador, disciplinado. Decretam-se cursos de quatro annos, ou vantagens decennaes e na vespera de se cumprirem os prazos alteram-se os cursos, retiram-se subrepticamente as vantagens. Como haver estímulo, ordem, disciplina para emprehender, executar e terminar trabalhos movediços, continuamente alterados, sem consulta, sem lizura, ao grado de competentes occasionaes, ou de extranhos ao mister reformado? Como haver responsabilidade em funcionarios sem tarefa constante, sem certeza de situação ordenada, circumvagantes ao nuto de palínuros inexperientes?

Os individuos só se tornam responsaveis pelos resultados que não obtêm num meio ordenado e com influencias ao seu alcance. Ninguém adquire qualidades incompatíveis com a inconstancia, com a desordem do meio em que vive. Meio inconstante, regimento instavel só podem dar funcionarios relapsos, professores desamados.

Isto a um tempo explica e

attenúa a desordem que ficou apontada. Attenúa quanto aos funcionarios e os estimula a redobrar de esforços, para assentar o meio em que nos movemos. Com melhor assento de nosso meio, os mesmos que hoje esmorecem e acompanham a onda má, dar-nos-ão arrhas de seu enthusiasmo, serão dignos auxiliares de nosso progresso.

Esperemos; e trabalhem mais, trabalhem melhor os que mais e melhor souberem. O futuro é dos que mais sabem, é dos que sabem melhor.

Sempre vosso amigo e collega,

JOSÉ FELICIANO.

S. Paulo, — 28 — 31 — julho de 1907.

PEDAGOGIA PRÁTICA

NOTAS DE PORTUGUEZ

Morphologia geral e portugueza

VIII

ET YMOLOGIA : Morphologia quanto á derivação das palavras.—Etymologia portugueza.—Sua difficuldade.—Rápido esboço historico das fontes do portuguez : A península iberica : os iberos, celtas, phenicios, carthaginezes, persas, gregos, lybicos, romanos, linguas néo-latinas, barbaros, wisigodos, arabes, francezes ; latim barbaro ; o galliziano ; o algaravio ; o portuguez. Elementos modificadores : o indico, hespanhol, italiano, inglez, francez moderno, africano ; indigena do Brasil, africano no Brasil, brasileiro, francez moderno no Brasil, hispano-americano, etc.—Solidariedade da lingua portugueza com as outras faladas no planeta humano.

Origens ! Origens ! Questões insolúveis, viciosas e inúteis ! E, ainda mesmo que fosse possível se conhecer perfeitamente as linguas néo-latinas, tal problema seria difficil de resolver-se por falta de dados scientificos. Abandonemos por isso esta escabrosa estrada e tratemos de preferencia das origens de nossa lingua, assumpto menos espinhoso e trabalho mais positivo e util.

Na Europa, Asia, Africa, America e Oceania, nos cinco sóes emfim, se fala o portuguez. O seu berço, entretanto, encontra-se na península iberica, no extremo occidental da Europa.

Os iberos, pois, quer fossem

de origem lusitana ou asiatica, esboçaram a lingua portugueza. Este povo, embora usando lingua, então, agglutinante, era mais ou menos civilizado.

Aos iberos, succederam os celtas, dos quaes o portuguez, indirectamente se deriva.

Os phenicios, povos que habitavam uma nesga de terra, apertada entre o Libano e o Mediterraneo, ao occidente da Asia, e, portanto, em disposição geographica identica a Portugal, navegando ao longo do Mediterraneo, colonizando e commercitando no meio dia da Europa, aportaram a este paiz, cujo destino social não podia deixar de ser semelhante ao seu,

influenciando pouco na lingua e amoldando-se aos usos e costumes dos dois primeiros povos, como commerciantes que eram em sua totalidade quasi.

Os carthaginezes, por seu turno, como povos guerreiros, pouca influencia exerceram na lingua.

Os persas e os gregos, fundando alli as suas colonias, só indirectamente contribuíram para a riqueza da lingua, creando os dialectos.

Os lybicos e, pouco depois, os romanos, invadiam a península, mas foram logo repellidos.

Sendo o latim a lingua official da egreja, conseguiu tornar-se quasi universal ! Mas, não só pela sua difficuldade, como pelas grandes guerras entre os povos, elle se foi degenerando na conformidade dos progressos das diversas nacionalidades. Esta decadencia do latim teve inicio no abandono dos graus e na impropriedade no emprego dos verbos.

Os barbaros, descendo do norte da Europa, conquistaram a península, impuzeram a sua lingua, mas acceitaram os costumés, sendo, por isso, dominados pelos vencidos, cuja civilisação já era de consideravel valor.

Os wisigodos, por sua vez estiveram em Portugal, contribuindo bastante para os seus progressos literarios e linguisticos.

Os arabes e os francezes tambem crearam alli estabelecimentos coloniaes. Estes ultimos, reunindo-se em um formidavel exercito, seguiram para Jerusalém com o fim de combater os mouros.

O latim barbaro, ramificando-

se ao sul, deu origem ao algaravio e ao norte, ao galiziano : a nossa lingua materna originou-se destes dois ramos do latim falado pelos portuguezes.

*
*
*

Portugal fôra a principio um condado. O conde d. Affonso, que o governava, com auxilio de d. Henrique e d. Diniz, expulsou os mouros, que alli se haviam estabelecidos, ficando esses principes senhores de Portugal.

D. Diniz, que era poeta e artista, elaborou o seu CANCIONEIRO, primeira obra escripta em portuguez.

O CANCIONEIRO, pois, foi o ponto de partida para a systematisaço do portuguez, até então um mixto de varias linguas.

OS LUSIADAS de Camões, constitue, entretanto, a pedra angular, o centro de gravidade da litteratura portugueza.

Fernão d'Oliveira, no seculo XVII, observando o modo mais correcto de exprimir-se em portuguez, teve a lembrança de organizar uma grammatica nacional.

O periodo aureo da lingua portugueza foi, pois, quando se descobriam as Indias e pouco depois o Brasil.

*
*
*

Os elementos modificadores do portuguez moderno, são : o indico, o hespanhol, o italiano, o inglez, o allemão, o francez mo-

derno, o africano, o indigena do Brazil; o africano, o francez, o allemão, etc.; no Brasil, o brasileiro, o hispano-americano, etc. Portanto do seculo XVII até nossos dias a lingua portugueza tem passado por innumeradas modificações.

As linguas em geral tem pontos de contactos porque todas indirectamente dependem das influencias geraes, as quaes, de certo modo, contribuíram para a juéda do latim.

IX

ORTHOGRAPHIA: --Necessidade da escripta; suas primeiras manifestações.--Phrases historicas; escripta figurativa, ideographica, hieroglyphica e phonetica. Caracteres da escripta phonetica e epoca de seu apparecimento.--Definição de orthographia; sua divisão: etymologica, usual e phonetica.--Vantagens e desvantagens.--Dificuldade da orthographia etymologica.--Caracteres de uma boa orthographia.--Orthographia usual; sua tendencia para o phonetismo.

O vocabulo ORTHOGRAPHIA, QUE SIGNIFICA ESCREVER CORRECTAMENTE é o nome da parte da Morphologia que estuda as formas graphicas.

Assim como a uma palavra oral corresponde um signal oral, assim tambem a uma palavra escripta corresponde um signal graphico.

A nossa fraqueza intellectual determinou esta arte de reter os conhecimentos, sem a qual os principios e factos mais ou menos remotos mergulhar-se-iam na escura noite do esquecimento. Dahi o seu valor inestimavel no dominio scientifico.

O espirito humano, como a natureza, não dá saltos. Elle progrediu com menos rapidez que uma creança, de hoje. E, por isso, a escripta de nossos dias, não é a mesma dos tempos primitivos.

Os selvagens, quando, se internavam nas mattas, deixavam pedradas em sentido contrario, ora para illudir os inimigos, ora para guialos nas suas retiradas. Os

fetichistas, por seu turno, construíam idolos para lembrarem entidades divinas...

A ESCRITA FIGURATIVA, entretanto, constitue a primeira phase historica, da linguagem graphica. Mas, não só pela sua dificuldade, como pelos seus inconvenientes para a comunicação, com o evoluir dos tempos, foi ella substituida por outras mais faceis e expeditas.

Por esta primeira phase da linguagem graphica, quando desejavam descrever um homem, retratavam-n-o. Trabalho aliás moroso e pendente de uma certa vocação.

A esta phase succedeu a IDEOGRAPHICA que é a figurativa em um estado de maior perfeição. Então a tristeza era representada por um olho lacrimoso, a velocidade por uma setta, uma mulher por um bello perfil, etc.

A proporção que a especie humana se foi evoluindo, a abstracção desenvolveu-se, a linguagem pro-

grediu e o movimento scientifico avolumou-se. Com o Polytheismo, a linguagem escripta, na China, no Egypto, na Italia, etc., tornou-se HIEROGLYPHICA. Esta theoria orthographica tornou-se tão difficil, com o andar dos tempos, que se constitue em privilegio da classe sacerdotal, entrando em franca decadencia no dia em que o militarismo se ergueu á altura de um principio social. Na guerra como na guerra: communições simples e rapidas.

Simple e rapida comunicação são os caracteristicos capitaes de uma boa linguagem.

A ESCRITA PHONETICA devemos a Cadmo. O seu alphabeto, baseado no egypcio, generalizou-se rapidamente na Phenicia, invadiu a Grecia, percorreu a Italia, ramificando-se em outros paizes. Esta orthographia representa todos os sons com vinte e cinco signaes convençionados. O seu CARACTERISTICO PRINCIPAL E REPRESENTAR UNICAMENTE OS SONS. E' simple e rapida.

Divide se ella em tres ramos a saber: ETYMOLOGICA, USUAL E PHONETICA propriamente dicta.

A ETYMOLOGICA, como demonstra o vocabulo — *etymo*, origem e *logos*, tratado: *tratado da origem — E' A PELA QUAL SE ESCREVE SEGUNDO A ORIGEM DAS PALAVRAS.*

Não obstante esta orthographia contar o caracteristico da CONTINUIDADE, as suas vantagens não compensam as insuperaveis difficuldades e deficiencias que ella apresenta, com vista á origem da maioria das palavras portuguezas, onde pullulam as divergencias de

opiniões. E, demais, estas questões de origens não trazem grandes vantagens para o estado actual da linguagem.

Em outros tempos diziam:

“Deixemos, gritar embora esses genios exquisitos, que inimigos das etymologias, por celebridade ou ignorancia, e, como que envergonhados de mostrarem nos rostos as feições de seus maiores, querem que tudo se escreva do modo que pronunciam, descendo o sabio ao nivel do ignorante, como o que possui riquezas não devesse fazer dellas conveniente uso, e até ostental-as...”

Hoje, entretanto não se pensa assim: constitue incivildade indagar-se a filiação historica deste ou daquelle individuo. O conceito do marquez de Paranaguá é, pois, incivil, e immoral, aconselhando a ostentação de riquezas intellectuaes. Seria melhor deixal-a aos ignorantes apatacados...

Pacheco Junior julga preferivel a orthographia etymologica pelas razões seguintes:

1^a) Só ella poderá fixar a orthographia, estabelecendo uma unica regra de escrever os vocabulos, ainda quando diversissima seja a forma de proferil-os;

2^a) Os pergaminhos da honrada estirpe são alli conservados. A etymologia permite-nos remontar as priscas épocas, que constituem o genesis da historia da lingua; só ella nos pode mostrar os pontos de sutura das raizes agglutinadas; corrigindo os erros sancçionados pelo uso, supremo autocrata do mundo, na phrase do visconde de

Castilho, mas muitas vezes antipoda da razão.

Não compartilhamos da mesma opinião, porque todas as linguas se modificam de acordo com leis immutaveis e seguem em suas transformações, lentas mas continuas, regras necessarias, independentes da vontade humana.

Um outro inconveniente desta theoria nos é favoravel: ella não é accessivel ao povo em geral, indo de encontro a um dos caracteristicos de uma boa orthographia, QUE É A GENERALIDADE.

A USUAL É AQUELLA PELA QUAL OS VOCABULOS SÃO GRAPHADOS SEGUNDO O USO ou antes conforme as regras estabelecidas espontaneamente pelos literatos e scientistas. Os Camões, em Portugal, e os Andradas, no Brasil, são modelos incontestaveis.

A Orthographia usual é um passo para o phonetismo, que é mais scientico e universal.

A ORTHOGRAPHIA PHONETICA CONSISTE EM GRAPHAR AS PALAVRAS PELOS SONS QUE AS CON-

STITUEM. Este modo de graphar as palavras, além de contar muitos dos caracteristicos lembrados, ainda envolve outro de não menos valor, que é empregar um signal para cada som, e vice-versa, cada som corresponder a um signal. Assim sendo, as palavras são graphadas segundo as respectivas pronuncias.

Ella se torna mais expedita, prejudicando a continuidade em proveito da actualidade. Outro inconveniente apontado é a differença do som e da accentuação das palavras, não só entre Portugal e Brasil, como de provincia para provincia, de estado para estado. Ch. Nadier, disse que, quando cada um escrever a sua propria pronuncia já não haverá mais lingua. E' fugir da questão. Essas modificações do som devido ao clima, alimentação, officios, instrução, actividade commercial, sensibilidade, etc., não constituem serios obstaculos ao phonetismo.

O seu emprego é apenas questão de tempo.

X

BASES DA ORTHOGRAPHIA PHONETICA :--Qual a orthographia do futuro?--Hypothese de uma Orthographia Universal como consequencia de uma Lingua Universal--Meios de apressar a evolução linguistica.--Linguas que adoptam o phonetismo.--Theoria accetavel no estado actual.

ESTABILIDADE, UNIDADE e GENERALIDADE são os principaes caracteristicos de uma boa Orthographia.

A Orthographia Phonetica, baseando-se nos sons, é a que

mais se coaduna com estes principios.

E' ella a Orthographia do futuro, como nos evidenciam os factos.

O homem, a sua constituição,

idéas, pensamentos e sentimentos, ser do por toda a parte identicos. não julgamos uma utopia a hypothese de uma linguagem e consequentemente de uma Orthographia Universal. O alphabeto, o systema decimal, o systema metrico, os sons musicaes, etc., são exemplos dessa tendencia.

O estylo, entretanto, deve modificar-se de individuo para individuo: *o estylo é o homem*. São as desigualdades necessarias no concerto scientifico ao passo que o alphabeto, a orthographia, deve ser *a constancia na variedade*, como dizia o nosso saudoso mestre Dr. Silva Jardim, em seu curso systematico da lingua nacional, onde se encontram as origens destas notas.

ESTATICA devia ser, pois a Orthographia, adquirindo os foros scientificos. Suas vantagens seriam assim incommensuraveis, devido ao abandono das letras inuteis. A palavra—*phthisica*—assim graphada etymologicamente, seria escripta—*tizica* ou *tizika*, na conformidade do signal adoptado para a representação da articulação lingual-guttural—*ç*. Das quatro formas—*c, ch', k, q*, -- adoptadas para representar a guttural —*q'*— julgamos o —*k'*—grego—mais nacional por ser a unica invariavel, em cujo particular muito favorece ao phonetismo.

As formas empregadas para representar os diversos sons deviam ser unicamente as que se seguem:

- 1º) Vogaes: *a, e, i, o, u*;
- 2º) Invogaes: *v, z, j, rh*; —*f, s, x, m, b, p*; —*d, t*; —*r, l, lh, n, nh*; —*g, k, ~*.

A evolução linguistica muito lucraria com a adopção destes principios, que se acham mais conformes com a unidade scientifica.

As linguas que mais se approximam da Phonetica são as mais faceis e comprehensíveis. E' por esse motivo que o portuguez, hespanhol e italiano, são muito mais assimilaveis que o francez, inglez. ou allemão.

Com quanto a Orthographia Phonetica não se ache adoptada entre nós, existem obras escriptas na conformidade de suas regras. João de Deus, Leão Barboza, José de Alencar usavam-na em varias obras. Mas, o phonetismo empregado por esses escriptores se acha muito distanciado do ideal: elles se deixaram influenciar pelo MEIO, com prejuizo da unidade scientifica.

Para que uma lingua se possa tornar universal é preciso que allie á simplicidade a elegancia. Si o nosso portuguez conquistasse uma tal perfeição, dominaria a America e invadiria os paizes civilizados de outros ceos. A tendencia dos Rio-Grandenses em assimilarem o hespanhol bem demonstram esta asserção.

A Orthographia Etymologica lembra a continuidade e a Phonetica, a unidade. Escrevendo-se umas syllabas pela Etymologica e outras pela Phonetica, teremos a Usual, que é a fusão das duas theorias. A Orthographia usual, que é a theoria accetavel no estado actual da linguagem, deve preferir o phonetismo, sempre

que isso não acarrete inconvenientes linguísticos.

A especie humana, como é notório, tem épocas de evoluções; e a linguagem, como producto racional que é, participa desses phenomenos evolutivos. Dia virá, pois, em que um estudo geral

de todas as linguas faladas no globo, produzirá uma linguagem Universal, problema de alto valor industrial, commercial e scientifico

S. Paulo, 7-IX-7.

LUIZ CARDOSO.

ERRATA:

No capitulo VI, onde se lê: *synthetica* leia-se *syntactica*,
No capitulo VII, onde se lê: O se, pois, etc., leia-se: «O se, pois, ou é um reflexivo (sendo neste caso complemento indirecto), ou uma particula apassivadora, ou uma conjuncção, escrevendo-se neste ultimo caso, de preferencia si, e, onde se lê: *sin; sil; sés*; leia-se: *sui; sibi; se*.

ELECTRICIDADE

SUAS IDEAS FUNDAMENTAES E SUA APPLICAÇÃO TECHNICA

(Continuação)

—Como devo, porém, imaginar essa differença?

—Perfeitamente: segundo a nossa concepção, da maneira seguinte.

Todas as moleculas de todas as substancias são orientadas; mas a intensidade do estado magnetico depende da intensidade da rotação das moleculas. Aquelles três metaes característicos possuem moleculas rotatorias, que são influenciadas de modo intenso pelas moleculas de attricto que passam ou se escoam e tudo depende da intensidade da rotação. Passando-se um arame, percorrido por uma corrente electrica, por perto de um pedaço de ferro, a influencia magnetica do arame, medida por aquella intensidade, sobre o ferro será maior do que sobre o outro lado, onde se acha o ar ou outra substancia menos magnetica.

Si tomares uma haste de ferro e a enrolares muitas vezes, em fórma de bobina, por aquella arame, seguindo uma espiral continua, então será o effeito augmentado e a haste se tornará um *electro-magnete*, ou um *electro-iman*.

A haste de ferro ficará rodeada de uma corrente electrica, por meio da bobina, e, por isso, é que se tornará um *electro-iman*: dahi é que lhe provém a propriedade de attrahir o *ferro doce*, enquanto durar a passagem da corrente. E' este facto que proporciona uma enorme serie de applicações da electricidade.

Todos os mecanismos electro-motores—como telegraphos, campainhas, fechos, etc., etc.—baseam-se no mesmo principio.

Por meio de fechamento do circulo em S (fig. 5) e da producção

consequente de uma corrente electrica em um conductor—póde-se produzir a magnetisação de um ferro que se acha a qualquer distancia e, com este obter-se a attracção de outro, que, por este motivo, se move ou desperta um mecanismo.

—Isso me parece accetavel e plausivel, mas, o que acontece na extremidade da haste?

—Que queres dizer com isto?

—Quero que me respondeas á seguinte pergunta:—São os eixos de rotação, dentro do ferro, orientados de modo a ficarem parallellos á haste pela corrente levada em volta da mesma.

Será isso mesmo o que eu entendi?

—Perfeitamente: é isso mesmo.

—Portanto, os polos de rotação ficam em seguida uns dos outros, porém as moleculas, nas duas extremidades da haste, vão encontrar ar, que é menos magnetico como dizeis.

Mas, o que se dá então ahi?

—A tua pergunta é justa.

A acção sobre as moleculas da frente e sobre as de traz continuará até que o filamento rotatorio—semelhante a um collar de perolas—volte sobre si, ficando fechado, como viste acima. Tantos filamentos de moleculas de ar serão obrigados á rotação quanto a haste de ferro possui em suas extremidades em estado de rotação para assim estabelecer a ligação entre as extremidade polares do *electro-magnete*.

Verás bem como isso se dá, pela inspecção da figura n. 6 e

da n. 7. Ellas mostram a ligação externa dos filamentos que rodam em igual quantidade no interior do magnete. Os eixos das moleculas de cada filamento ligados successivamente constituem aquellas *linhas de força* assim denominadas por Faraday, o grande sabio inglez

A resistencia, que as moleculas de ar oppõem á sua forte rotação, deve, portanto, ser vencida por aquelle enrolamento pelo qual passa a corrente electrica.

Neste caso existe uma lei que corresponde áquella já citada acima para o movimento da agua ou da electricidade.

Tambem aqui o effeito magnetico obtido—isto é o producto do numero e da intensidade de todos os filamentos produzidos—augmenta em proporção á pressão exercida. Esta ultima é medida pelo numero de voltas do enrolamento do arame que excita o magnetismo multiplicado pela intensidade da corrente electrica que passa por elle.

Somos assim conduzidos, como concluímos logo, ao que acima chamamos pressão electrica; porém aqui não a consideramos no sentido da quantidade de electricidade que ella põe em movimento, mas sim no segundo sentido da sua acção, isto é, no sentido da quantidade, direcção magnetica e da intensidade de rotação, que ella produz por meio da electricidade que ella põe em movimento.

O effeito geral magnetico diminue, porém, em proporção á resistencia que soffrem principalmente

as moléculas rotatorias do ar com o augmento da intensidade de rota-

ção. Isto se póde exprimir, de modo mais breve, pelo seguinte:

Campo magnetico produzido =

Força excitadora de magnetismo

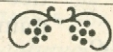
Resistencia magnetica

—Parece isto applicavel a electro-magnetes, mas, no começo, tractámos de magnetes de aço que

actuum sem corrente electrica, que os circumde.

Como se explica isso?

A.



DIVERSOS

INSPECTORIA GERAL DO ENSINO

Para que os nossos collegas notem a injustiça das accusações que têm magôado o distincto professor sr. João Lourenço Rodrigues—actual inspector geral do ensino—publicamos os seus dois discursos, com que abriu e fechou a série das reuniões dos directores de grupos escolares do sul do Estado.

Como verão, aos oito annos de uma direcção completamente leiga, veiu succeder, para as escolas, uma nova phase promissora de necessarios melhoramentos.

I

Senhores.

Quando ficou resolvida a reunião que hoje se inaugura, eu me empenhei para que este acto fosse presidido pelo sr. dr. secretario do interior, a cuja pasta estão affectos os negocios da instrucção.

Interpretado os sentimentos do professorado, eu pretendia caracterisar por essa fórma o desejo que nutrimos todos de ver, como out'óra, os membros do governo vindo animar com sua presença as nossas festas, os nossos certamens, os nossos trabalhos.

Infelizmente para nós, o sr. dr. Gustavo de Godoy, que hoje ac-

cumula duas pastas, não pôde acceder aos nossos desejos.

Elle vos envia por meu intermedio a expressão do seu pesar por esta ausência forçada e ao mesmo tempo seus votos de congratulação por esta reunião, de que tantos beneficios espera o governo e o professorado.

Senhores.

Para iniciar com clareza os intuitos desta reunião dos directores do ensino, eu tenho necessidade de fazer algumas considerações preliminares.

Procurarei ser breve.

Está na consciencia de todos nós a importancia dos grupos

escolares como instituições do ensino primário.

Suas vantagens theoricas, resultantes sobretudo da divisão do trabalho, são confirmadas pelos resultados praticos e não precisam de melhor demonstração.

Pois bem: para quem observa de perto os grupos escolares, quer da capital, quer do interior, ha uma circumstancia que não deixa de surprehender, e impressionar — é a sua falta de uniformidade.

Indo de um para outro, notam-se grandes differenças quanto ás condições geracs de seu funcionamento, quer em relação aos seus processos de ensino, quer em relação á parte disciplinar, quer mesmo no tocante á escripturação.

Essa diversidade chega a ser inexplicavel para quem sabe que todos esses estabelecimentos têm um regimento interno commum e programmas de ensino em tudo identicos.

Note-se que eu não me refiro ás differenças accidentaes proprias ao modo de vêr, á orientação particular de cada director.

Essas differenças hão de existir sen pre e servirão para pôr em relevo não só a influencia pessoal, mas, sobretudo, a intensidade de acção e a competencia administrativa forçosamente variavel dos directores.

Não é dessas differenças que eu me occupo. Eu me refiro a outras de maior vulto e alcance, que affectam, por vezes, principios basicos da organização dos grupos e deixam transparecer falta de unidade, de convergencia,

na interpretação dos estatutos do ensino.

Essa falta de unidade é um facto visivel, incontestavel.

Quaes as suas causas?

Quaes os meios de corrigil-o?

Para mim, senhores, a causa principal está no isolamento em que têm vivido, de certo tempo a esta parte, os nossos institutos de ensino e, sobretudo, as escolas de um só professor, cuja denominação só por si é sufficiente para suggerir a idéa de isolamento.

Ha muito que não se dá uma reunião como esta, e as proprias «conferencias mensaes» que aqui na capital se faziam outrora em alguns grupos, cahiram ha muito em completo desuso.

Usa-se e abusa-se até da expressão de «apparelho escolar» para designar o conjunto das nossas instituições de ensino publico.

Essa expressão, entretanto, forçoso é confessar, já não corresponde á uma realidade.

Nossas escolas, quer sejam isoladas, quer agrupadas, não formam partes integrantes de um todo harmonico; não pôdem ser consideradas como orgams conexos de um aparelho, tendo uma função geral que seja como que a integração final de muitas funções especializadas.

Ellas estão hoje de todo desarticuladas, e, no isolamento em que vivem, não existe, não pôde existir uma corrente de vida circulando através de todas ellas, com um centro de coordenação capaz de assegurar a unidade de toda a harmonia da função.

Senhores.

O primeiro governador de S. Paulo deu uma prova de largo discernimento, de arguta previdencia, quando decretou a criação de uma escola modelo para servir de paradigma, de padrão estavel, na organização das nossas instituições de ensino.

Vós sabeis o papel que teve esse estabelecimento de ensino paulista.

Infelizmente, porém, a acção desse estabelecimento veiu mais tarde a ficar confinada num circulo assás estreito.

A escola modelo, hoje, só aproveita directamente aos jovens professores da Escola Normal e da complementar annexa.

Mas bastará, senhores, preparar os candidatos ao magisterio, os professores do futuro?

Evidentemente não.

Não faz muitos dias, lendo a «Revue Pedagogique», correspondente ao mez de junho, alli encontrei um artigo referente a uma associação fundada na Dinamarca, vai para meio seculo, pelo professor Monrod, director geral das escolas.

Considerando que os professores, em razão de sua pouca idade, da composição dos programmas e da brevidade do tempo de estudos, não pôdem receber no curso normal, uma cultura sufficientemente forte e extensa, a associação do professor Monrod, diz a «Revue Pedagogique», estabeleceu por toda a parte cursos livres, destinados a ampliar essa cultura nos professores já collocados.

Nos Estados Unidos tambem existem cursos livres, frequentados pelos professores no periodo das férias e, mediante elles, os professores pôdem acompanhar de perto os aperfeiçoamentos graduaes da arte de ensinar.

Entre nós nada de semelhante existe.

O professorando, ao deixar a Escola Normal para entrar na vida pratica, está arriscado a cahir no empirismo ou na rotina, pela carencia de instituições, onde possa reforçar e ampliar seu preparo tecnico e profissional.

A Inspectoria do Ensino pretende supprir essa lacuna, e não é com outro objectivo que ella tem procurado exonerar-se de todas as funções de ordem administrativa, para attender mais de perto á organização do ensino.

Este é o destino da Inspectoria. Já o reconhecia o sr. dr. Mario Bulcão, em seu relatório de 1905, nest. expressiva declaração: «Penetrar no vasto laboratorio da pedagogia moderna, colher alli todos os elementos dispersos e concatenal-os depois numa vasta systematisação methodica, «afim de conseguir a unidade do ensino» — eis o fim desta repartição.

Unidade do ensino — eis a magna questão.

Como conseguil-a?

Combatendo o isolamento, respondendo sem a menor hesitação.

Para conseguir a uniformidade do ensino, senhores, necessario é que voltemos ao espirito da reforma de 1891 e procuremos, tanto quanto possivel, ampliar a esphera de acção da escola modelo.

Ella ahí está, hoje como outrera, confiada a uma orientação superior e francamente progressista.

Seu digno director, o nosso illustre collega dr. Oscar Thompson, acompanha com natural interesse o movimento pedagógico mundial e, mediante os ensaios a que procede na escola modelo, está no caso de dizer-nos co. a segurança aquillo que se adapta mais ou menos ás condições do nosso meio escolar.

Posto isto, o problema pôde ser formulado nestes termos: uniformisação dos grupos da capital, tendo por base a escola modelo; uniformisação dos grupos do interior tendo por base os da capital; uniformisação das escolas reunidas e isoladas por meio dos grupos quaesquer.

Para esta triplice uniformisação conta a Inspectoria dois meios principaes de acção.

O primeiro comprehende o restabelecimento, nos grupos, das antigas conferencias mensaes ou palestras pedagogicas; a reunião periodica, embora parcial, dos directores dos grupos, e a instituição de conferencias sobre assumptos que digam respeito á vida das escolas.

Com estes meios pôe-se termo ao isolamento e prescreve-se o perigo do estacionamento da rotina.

As reuniões como esta estabelecem uma approximação necessaria, uma convivencia alentadora, efficaç.

Nellas se ha de operar não só a troca das idéas, como ainda a

permuta dos estímulos. Nellas despertará o entusiasmo necessario para sustentar uma elaboração tão vasta, onde os resultados não se tornem apreciaveis sinão depois de largo tempo, pelas accumulações de muitos esforços convergentes.

O segundo meio de que a Inspectoria lançará mão, si as circunstancias o permittirem, será a publicação de um «anuario de ensino», onde os professores possam encontrar, a par de uma boa estatística e do movimento escolar de todo o Estado, uma collaboração abundante e variada sobre a parte technica do ensino, os methodos empregados e seus resultados praticos.

Acabaes de ver, meus senhores, qual o intuito principal desta reunião.

A ella se liga um fim especial não menos importante do que o primeiro.

Ao começar, deixei accentuado que as differenças que se notam, de um grupo para outro, dizem respeito ao ensino sobretudo.

Na opinião da maioria dos senhores directores da capital, essas differenças explicam-se até certo ponto pelas condições do actual programma do ensino, o qual, por ser muito synthetico e condensado, deixa margem a interpretações variadas, quanto ao modo de desenvolver-o.

Eu entendo, senhores, que até certo ponto os programmas syntheticos são mais convenientes, porque deixam mais á vontade a iniciativa do professor.

A Inspectoria, entretanto, fiel á

sua preocupação de uniformisar o ensino, resolveu elaborar um conjuncto de instrucções mais ou menos detalhado sobre a fórma por que deve ser feito o ensino das materias do programma dos grupos nos diversos annos do curso.

Esse trabalho está impresso e vae ser distribuido aos senhores directores, convocados para esta reunião, os quaes, na visita que vão fazer aos grupos da capital, poderão elucidar quaesquer duvidas que ainda possam existir em torno do programma em questão.

E' preciso, entretanto, senhores directores, que não ligueis um valor absoluto ás instrucções de que ides tomar conhecimento.

Ellas não passam de um ensaio e não pôdem estar encoimados de imperfeições.

A experiencia se encarregará de indicar as modificações necessarias para que ellas venham a ter completo exito.

Acabei de expor-vos, meus senhores, os meios geraes pelos quaes a inspectoria espera obter a uniformisação do ensino nos grupos e nas escolas isoladas.

Combater o isolamento, aproximar o professorado, reunir as forças dispersas, divulgar os melhores methodos, tornar conhecidos os resultados obtidos na pratica, em summa promover o sulco de uma corrente de vida que, irradiando-se da escola modelo, como de um centro, se propague pelos grupos e vá impulsionar as escolas isoladas que, exparsas pelo territorio paulista, arrastam uma existencia miseravel e definham

menos pela indigencia material do que por falta dessa animação de origem exterior.

Tudo se reduz, como vedes, á interpretação da sabia e previdente reforma de 91.

Deixemos aos theoreticos buscar a solução do problema do ensino em novas leis, novos regulamentos, novos programmas.

Já temos tido uma verdadeira plethora de leis e regulamentos, e a situação nem por isso melhora!

As disposições se multiplicam, mas não raro se annullam por incongruentes e contradictorias.

Nós buscaremos a solução do problema nas leis e regulamentos já existentes, mediante uma execução intelligente, systematica, bem conduzida.

E' preciso que nós convençamos do que possuímos uma organisação de ensino relativamente muito adeantada.

Não faz ainda dois mezes, o nosso illustre collega sr. dr. Oscar Thompson, tendo visitado muitos dos estabelecimentos de ensino existentes no Rio, trouxe dalli á convicção de que, quaesquer que sejam os progressos dos outros Estados, nós nada temos a invejar-lhes e temos ao contrario muito de que nos desvanecer na obra realisada em 15 annos pelo professorado paulista.

Eis, pois, senhores directores do ensino.

Trata-se, como vedes, de uma tradição que nos honra sobremaneira e que precisamos conservar e opulentar a todo o custo.

Sabeis já quaes são as directrices do trabalho que a inspectoría se propõe a realizar.

Será preciso que eu diga quanto espero do vosso concurso, da vossa acção combinada, das luzes da vossa experiencia?

Não.

O governo conhece o vosso passado e sabe quanto pode esperar da dedicação da nossa classe.»

II

DISCURSO DE ENCERRAMENTO

Senhores.

Sejam de congratulações, antes de tudo, as palavras que venho dirigir-vos no momento de encerrar os nossos trabalhos.

Começamos a medo, disse hontem um dos nossos companheiros.

Começamos a medo, como a fazer um ensaio; era natural, portanto, que aos nossos trabalhos faltasse aquella coordenação intensa que consolida os resultados de muitas experiencias accumuladas.

Felizmente para nós, o movimento iniciado pela Inspectoría do Ensino, com inteiro apoio do sr. Secretario do Interior, foi recebido com demonstrações inequivocas de sympathia.

A imprensa teve, para caracterisalo, expressões de verdadeiro carinho, como as de *renascença*, *florescimento*, *alma nova*, e outras.

O Governo, ou por si ou por seus representantes, esteve ao nosso lado em tres conferencias; e vós tivestes a occasião de ouvir a palavra animadora do sr. dr. Gustavo de Godoy, nosso digno

chefe, dizendo-nos, como a formular uma promessa:

—Está muito bom! Agora o que é preciso é reunirmos um congresso de ensino.

E não é tudo

Dias depois da nossa reunião inaugural, celebrava-se nesta Capital uma reunião de professores estrangeiros e d'ella surgiu a *Confraternização das escolas italianas de S. Paulo*.

Si entre os dois factos não existirem laços de filiação, essa coincidência dos intuitos proclama bem alto a opportunidade do movimento começado.

Quereis uma prova ainda mais categorica?

Tendel-a na *Noticia*, de 12 do corrente, em cujo editorial se destaca este expressivo topico:

«E Minas, para onde se voltam todas as atencões desde que um mineiro alcançou a suprema governação do paiz, vinha dando mostras que breve ficaria na dianteira, graças a João Pinheiro e Carvalho de Brito».

Começamos a medo, mas era preciso começar; era preciso reagir contra o effeito depressivo do isolamento; era preciso reunir as forças dispersas, estabelecer a unidade do pensamento, obter a convergencia dos esforços; era preciso, numa palavra, recuperar o tempo perdido.

A primeira reunião dos directores do ensino constitue hoje um facto consummado.

A idéa de um congresso de ensino ganha terreno e para uma

nova série de conferencias já recebeu a Inspectoría do Ensino adhesões espontaneas de alguns collegas illustres, como Arnaldo Barreto, Francisco Vianna e outros.

O entusiasmo renasceu como por encanto. Entre os directores da Capital e seus collegas do Interior, tem reinado, nestes dias de convivencia, um espirito de inteira fraternidade; e todos nós sabemos o que isto representa em força de impulsão para o ideal commum.

Eu me sinto, pois, todos nós nos sentimos cheios de esperanças ao assistir a esta festa offercida pelo sr. director do Grupo do Triumpho aos collegas que se despedem.

Congratulemo-nos todos, mas confessemos uma verdade: nós ainda estamos no começo da grande elaboração em que nos empenhamos.

De volta para o interior, srs. directores, é preciso que trateis de congregar em torno de vós os vossos auxiliares.

Dir-lhes-eis em termos claros, precisos, o que urge fazer para a applicação dos methodos e processos que observastes e de outros que ouvistes preconizar.

Para chegar á uniformisação do ensino tratae de obter antes de tudo a unidade de vistas.

Não vos esqueçaes de que as theorias de pouco valem, si não tem, para abonal-as, a força das convicções, o calor de um entusiasmo sereno, reflectido, a consciencia de estar apostalizando uma grande causa.

Mais tarde, quando vencidas as

indecisões que acompanham todas as reformas, os grupos que dirigis tiverem tomado uma feição mais uniforme, mais estavel, tereis de auxiliar o governo na propagação do novo ensino pelas escolas isoladas.

E' preciso, como disse em nossa reunião inaugural, que uma corrente de vida circule atravez de todas as escolas, e para isso torna-se indispensavel o vosso concurso intelligente e dedicado.

Isso, porém, constituirá a segunda phase da reforma.

Em relação a primeira, eu quero repetir aqui o que já disse ha dias na escola *Prudente de Moraes*.

Tendes um programma e levaeis um conjuncto de instrucções para executal-o.

Não vos deixeis arrastar para aquelle espirito critico que em tudo descobre lacunas e defeitos.

E' antipatico e esteril; é mais do que esteril, porque é demolidor.

Onde o texto for excasso, deficiente, procurae apprehender o espirito, interpretae com vistas largas.

Lembrae-vos de que o momento é cheio de responsabilidades.

Ninguem contesta que S. Paulo exerceu até hoje uma hegemonia real em materia do ensino publico primario.

Minas caminha, dizem todos, e emquanto ella avança, nós nos arriscamos a ficar em plano inferior, si cahirmos na verbiagem e em discussões de mera castuística.

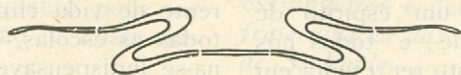
Sem a minima pretensão pessoal, seja-me permittido lembrar palavras do sr. director da Es-

cola Complementar de Itapetininga em nossa cordialíssima festa do Guarujá:

Estejamos todos reunidos em torno de nosso chefe.

São estes também os meus

votos, senhores directores, porque, por mais modesto que seja, pessoalmente o vosso chefe, é preciso não esquecer de que, hoje, como em todos os tempos, a união faz a força.»



LITTERATURA

TIRADENTES

COMEDIA EM UM ACTO, Original de C. A. Gomes Cardim

ACTO UNICO

Uma sala de aula

ALUMNA A — Minhas amiguinhas. Hoje é dia 21 de Abril e as folhinhas dão: Tiradentes. Execução de Joaquim José da Silva Xavier.

Qual de vocês é capaz de me explicar esse facto?

(*A alumna B dá uma gargalhada.*)

ALUMNA A — B, você que deu risada; naturalmente acha que a minha pergunta é insignificante; nesse caso, explique-me a data 21 de Abril.

ALUMNA B — Pois quem é que não sabe?

ALUMNA C — Você talvez não saiba.

ALUMNA B — Eu!?

ALUMNA D — Si você soubesse já teria dito alguma coisa.

ALUMNA B — Vocês nada me perguntaram!...

ALUMNA A — E' verdade. Então você me vai dizer quem foi Tiradentes.

ALUMNA B — (*titubiando*) Ti-

radentes... Tiradentes... Tiradentes...

ALUMNA A — Sim, Tiradentes.

ALUMNA B — Foi... Foi... Foi...

ALUMNA E — Foi o que?

ALUMNA B — Foi... Foi um homem.

TODAS — *Risada.*

ALUMNA A — Você pensou tanto para dizer que Tiradentes foi um homem.

ALUMNA B — Então você queria que eu dissesse que elle era uma mulher?

ALUMNA A — Certoamente que não. Desejava que você me contasse alguma cousa relativamente a esse homem.

ALUMNA F — B não quer falar sobre o o assumpto, pois eu vou dar uma pallida idéa do que disse, no anno passado, a minha professora, relativamente a esse heroe.

TODAS — Conte-nos então a historia do heroe.

ALUMNA F — Já faz muito tem

po, mas as suas palavras foram ditas com tal expressão que ainda guardo alguma cousa.

TODAS — Vamos, pois, ouvir.

ALUMNA F — A minha professora disse que Tiradentes se chamava Joaquim José da Silva Xavier.

ALUMNA B — Mau, mau! E' Tiradentes ou é Xavier?

ALUMNA F — O seu nome é José Joaquim da Silva Xavier.

ALUMNA B — Ha bocadinho era Joaquim José e agora é José Joaquim.

ALUMNA F — Você tem razão. O seu nome é Joaquim José da Silva Xavier, e tinha por alcunha Tiradentes por ter sido um habil dentista.

ALUMNA C — Mas elle só foi dentista?

ALUMNA F — Minha professora ainda disse que elle era alferes de milicia e que exerceu diversas profissões.

ALUMNA G — Tiradentes foi o protomartyr da liberdade.

ALUMNA B — Que cousa tão complicada!

ALUMNA G — Tiradentes subiu ao patibulo no dia 21 de abril do anno de 1792, com uma resignação santa e com a coragem propria das almas grandes.

ALUMNA B — Só porque um homem morre já é um heroe!

Todos os dias nós vemos no obituario grande numero de mortos e entretanto o obituario não chama de heroes a esses mortos.

ALUMNA G — Isso é verdade, porque nem sempre todos os que morrem são heroes; porque a verdade é que todos podem e hão

de morrer; entretanto bem poucos conseguem morrer, como heroes, fazendo seu nome atravessar gerações inteiras.

Tiradentes não subiu ao patibulo como um criminoso vulgar, mas como uma victima do amor da Patria.

Seu sangue como semente cahida em solo fertil, fez brotar em todos os recantos do Brasil, corações entusiastas, almas generosas, patriotas que lutaram até o túmulo pela liberdade da Patria!

ALUMNA H — G, você vai admiravelmente, mas o nosso tempo é escasso e eu desejo proferir algumas palavras sobre o martyr da liberdade.

ALUMNA B — Muito bem!

ALUMNA H — Toscas, com certeza, porém repassadas de sinceridade.

TODAS — Bravo! Muito bem!

ALUMNA B — Temos cousa!

ALUMNA H — Tiradentes, o grande vulto da conjuração mineira foi duplamente heroe.

ALUMNA B — (*irritada*) Outra vez heroe!

ALUMNA H — Heroe por morrer por esta Patria, grande e gloriosa que se chama Brasil, e por morrer chamando a si toda a responsabilidade de seus companheiros, isentando-os do crime que lhes era imputado.

Morreu, calmo e sereno, enfrentando todos os horrores da morte com a convicção inabalavel de um santo.

Foi para o supplicio como se fôra buscar a vida e não errou porque foi buscar a vida na immortalidade.

ALUMNA B — Gostei da figura.

ALUMNA F — B, você gosta de caçoar, mas nós ainda não ouvimos você dizer nada sobre o assumpto.

TODAS — E' verdade.

ALUMNA F — Como você não se manifesta de qualquer modo? Naturalmente o que fala é o despeito.

ALUMNA B — Qual despeito, qual nada! Vocês não me deixaram falar.

O que eu posso garantir é que era capaz de falar do assumpto com maior entusiasmo, com mais patriotismo, mais sciencia!

TODAS — Vejamos então toda essa sciencia.

ALUMNA B — Mas agora não posso porque seria repetir o que vocês disseram e...

TODAS — Ha ainda muita cousa que dizer.

ALUMNA F — Pois bem, você sómente nos vai responder a uma cousa.

ALUMNA B — Estou ás ordens, gentil collega.

ALUMNA F — Você me vai dizer quando foi que nasceu Tiradentes?

ALUMNA B — Essa pergunta é de algibeira, entretanto espero respondel-a...

Tiradentes nasceu, nasceu em, em... em... (*bate com a mão na testa*)

TODAS — Quando? Quando?

ALUMNA B — Como vocês são impacientes! Esperem um momento.

Foi no anno de... de...

ALUMNA C — Começa o rosario de *des*.

ALUMNA B — Foi no anno de mil...

ALUMNA C — (*interrompendo*) Ora graças a Deus não demorou muito!

ALUMNA B — Mil... mil...

ALUMNA D — Tres vezes mil são tres mil.

ALUMNA B — (*sangada*) Isto não é taboada, collega.

TODAS — (*Riso*)

ALUMNA B — No anno de mil...

ALUMNA D — Quatro.

ALUMNA B — Setecentos e... e... e... oitenta e quatro.

TODAS — (*Riso*)

ALUMNA E — Agora, B, é que você naufragou completamente.

ALUMNA B — Porque?

ALUMNA E — Porque Tiradentes nasceu no anno de 1748.

ALUMNA B — Ora isso não é motivo para tanto riso. Bolei as trocas; foi um *lapso numero*.

ALUMNA C — Mas para um talento como você, é um erro de palmatoria.

ALUMNA D — Depois do brilhante discurso de nossa collega B.

ALUMNA B — Obrigada, mas isso é chapa.

ALUMNA D — Eu não devia ousar levantar-me, porém desejo ardentemente tomar parte na comemoração que hoje se faz e por isso quero trazer tambem o meu pequeno contingente.

TODAS — Muito bem!

ALUMNA D — Foi no anno de 1789, no anno em que uma nação forte lutava pujantemente pela sua liberdade, que em uma nação embryonaria se levantavam homens, que com extremado amor, com

incomparavel patriotismo, elevaram o culto de sua ideia até ao martyrio.

Foi num recanto do nosso caro Brazil, de nossa Patria querida, que surgiram os vultos grandiosos de Claudio Manoel da Costa, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Thomaz Antonio Gonzaga e o grande entre os grandes, Joaquim José da Silva Xavier.

Esses vultos gigantescos tomam na historia de nossa Patria proporções colossaes.

Elles pensaram, temerariamente, fazer do Brazil, de um berço de heroes, uma patria poderosa.

Esperavam uma occasião oportuna para fazer rebentar a revolução que devia exterminar com a tyrannia, com o despotismo, formando uma nação nobre e civilisada. Devia rebentar a revolução quando se cobrasse o imposto do quinto do ouro, que deixaria o povo prompto para a luta. Entretanto um torpe renegado, um falso conjurado, um vil traidor que se chamava Joaquim Silverio dos Reis, levou a conjuração ao conhecimento do visconde de Barbacena que, por sua vez, communicou o facto

a d. Luiz de Vasconcellos, vice-rei do Brasil.

Estava descoberta a conspiração.

O ideal sublime de um punhado de heroes fora supplantado por uma denegrída delação.

Foi na rua dos Latoeiros que prenderam o inolvidavel Tiradentes e foi na praça da Lampadosa que o mesmo succumbiu sob as maldicções dos estrangeiros reinantes, mas com as bençãos do povo brasileiro que temerariamente surgiam do sangue do seu martyr.

Morreu e seu corpo, para exemplo e terror dos posteros, fôra esquartejado e a sua cabeça fincada em um poste em Villa-Rica.

Quanta barbaridade! Quanto crime! Quanta infamia!

Tiradentes é morto como se fôra fascinora e os outros condemnados a morte lenta com a deportação para as regiões inhospitas da Africa.

Rendamos homenagens aos heroes da conjuração; synthetisemos em Tiradentes a nossa glorificação, levantando com toda a força de nossos pulmões, um viva á memoria do intemerato brasileiro.

Viva a memoria de Tiradentes!

TODAS — Viva!

POESIA

(ANTONIO PEIXOTO)

Recitada pela menina Ludovina Bandeira, despedindo-se da sua professora d. Celestina de Brito, nas festas de encerramento do Grupo Escolar da Bella Vista, em 29 de novembro de 1906.

Ao publico ;

Sou Ludovina Bandeira,
Uma grande companheira,
Em toda parte querida!
O que falo não é mentira,
Poís quem mente nunca tira
Largos proveitos na vida!

A's collegas ;

Escutem, collegas, isto:
Tanta saudade, está visto,
Faz-me os olhos rasos d'agua...
Um mal-estar me quebranta:
E' como um nó na garganta,
Nem alegria, nem magua!

Será por causa das ferias?
Quando vejo cousas sérias
Tenho na espinha arrepios...
E' ver fêrias de dezembro
Tremo logo membro a membro.
Sinto até suores frios...

Coitadas de nós, collegas,
Vamos ficar como cegas,
Sem dessa luz redemptora,
Que cáe dos sabios conselhos,
Ouvidos sempre de joelhos,
Da bocca da professora!

A' professora:

Os conselhos que dissestes
Foram presentes celestes
Aos corações infantis!
São como as gottas do orvalho:
Tornam fecundo o trabalho,
Tornam a vida feliz!

Semeastes! Semeastes!
Hoje, as sementes são hastes;
Amanhã, botões de flôr!
A esta seara divina
Dêstes, dona Celestina,
Os favos do vosso amor!

Agradecidas vos somos,
Colhemos tão ricos pomos
Aqui, no Grupo Escolar!
Foi debaixo deste tecto,
Que a lyra do vosso affecto
Soube mais forte vibrar!

Nosso coração levae-o
São como as rosas de maio
As rosas da gratidão!
Tudo nellas se resume,
— A luz, a graça e o perfume —
Embora vicem do chão!

NO MEU HORTO

(FRANCISCO GASPAR)

I

Adoro esta morada excelsa e pura;
— Um ceo cheio de luz, feito de opalas;
E' o templo da Pureza e da Candura;
Aqui não fulge o sol das grandes salas.

II

Não se trucidam vivas esperanças,
 Não tem abrigo a Serpe venenosa;
 E' um Mundo novo, cheio de bonanças,
 Que resurgiu do seio de uma rosa.

III

A brisa tem perfumes de verbenas;
 O lago é crystallino e o clima é são:
 Aquí o sol não queima as açucenas,
 Nem morre o cysne branco da Illusão.

IV

Não se derrama o incenso das egrejas,
 Nem se ouve um pio lugubre, agoirento;
 Não ha os odios parvos das pelejas,
 Nem a tortura intensa de um lamento.

V

No meu jardim de estrellas rutilantes,
 As aves cantam hymnos triumphaes,
 E aos sons da lyra, de harpas soluçantes
 Napéas dansam valsas geniaes.

VI

Orchideas rubras, rôxas, opalinas,
 Se enroscam pela escarpa de um careão:
 Deslumbram mais que as bellas argentinas
 Do formoso Jardim de Salomão.

VII

As myrthas da Abyssinia rescendentes,
 E os lyrios brancos, crepis, amarantos,
 Desbrocham seus botões phosphorescentes
 Na primavera eterna dos meus cantos.

VIII

Como eu te quero, ó nympha de Castalia!
 —Eu sou a régia Musa dos afagos,
 Que adora o sol da bella sanvitalia
 E o symbolo da flôr de saramagos!

IX

Estão sorrindo as hervas do meu Hôrto.
 E ao vê-las radiantes de alegria,
 Vem-me á lembrança um coração já morto,
 A idéia triste de perder-te um dia!

X

Por isso eu canto o sol de minha Flora,
 Meu ninho azul de olympico frescôr;
 Os roseirae do Hymêto e a flor da aurora,
 E os lyrios brancos de um festivo Amor.

O SERÃO

(INEDITA)

IZABEL VIEIRA DE SERPA (1.º anno da Escola Normal)

Ao meu ex-professor sr. GABRIEL ORTIZ.

Eis a varanda triste e escavada,
 Longas paredes com grotescos quadros.
 Tudo possui essa nudez dos adros,
 Uma aridez na sala abobadada.

O vento sopra atraz das negras portas.
 A um canto o Pedro, á mesa recostado,
 Fumando em um cachimbo avermelhado,
 Conta um sarau já feito em horas mortas.

Narra depois historias tristes, feias,
De anões, de fadas, genios e palhaços,
Anjos que á noite vagam nos espaços,
De catacumbas, onças e baleias.

Josepha escuta tremendo, espantada;
Encolhe-se nervosa e a mão pequena
Larga do fuso: e a pallida Verbena
Treme escutando aquella voz velada...

A avó, a um canto da lareira ardente,
Cose as calças do neto mandrião,
Emquanto a mãe medita de antemão,
Da filha o enxoval resplandecente.

Depois o avó, com um casacão forrado,
Após haver tomado o seu café,
Leva ao nariz um pouco de rapé.
Que elle observa cõ o olhar incendiado.

ELEGIA DE HOJE

(WENCESLAU DE QUEIROZ.)

Poesia escripta especialmente para ser recitada pelo alumno do 5º anno do Grupo Escolar do Sul da Sé, Raul de Queiroz, na sessão funebre commemorativa do anniversario da morte do dr. Cesario Motta, realizada naquelle estabelecimento de ensino no dia 25 de abril de 1901.

A morte não existe. Existe apenas
Uma transformação,
Quando o homem deixa as illusões terrenas
Por uma outra illusão...

A cóva apenas um cadaver guarda;
Porém, ainda assim,
Desfaz-se logo, e o verme sempre o aguarda
Nas mutações sem fim...

Mas, envolta na tabida materia,
Existe a alma astral,
Que vai além da mundanal miseria
E o homem torna immortal.

Assim, ó grande Espirito fecundo!
Só deixaste de ter
A forma contigente neste mundo,
Mas és um novo ser...

Vives! E viverás nas tuas obras,
Aqui... alli... além...
Pois que o radioso espirito desdobras
Na diffusão do bem!

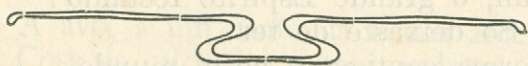
E o bem aqui é a hostia ministrada
Na communhão da luz,
Que na alma nos accende uma alvorada
E ao porvir nos conduz...

O bem aqui é a vivida semente
Que tu, ó sementeador,
Deixaste, e que hoje é arvore frondente,
Cheia de fructo e flor...

O bem aqui é o hymno de esperança
Que ensinaste a cantar
A cada bocca virgem de creança,
Como um sonho estellar...

O bem aqui é a Patria Promettida,
Onde o infante que lê
Tem para as portas triumphaes da Vida
A chave do A B C.

Bem dita seja, pois, tua memoria
 Em cada coração,
 E teu nome no marmore da Historia
 Fulja como um brazão!



Os nossos edificios escolares

Grupo Escolar "Dr. Guimarães Junior"

RIBEIRÃO PRETO

O Grupo Escolar «Dr. Guimarães Junior», assim denominado em homenagem ao prestante cidadão Dr. José Alves Guimarães Junior, funciona em predio proprio, um dos melhores da cidade, tanto em dimensões como em architectura e solidez.

O edificio satisfaz a todas as necessidades e exigencias da hygiene e da pedagogia.

Compõe-se de dois pavimentos, cada um dos quaes contém cinco salas espaçosas, profusamente illuminadas e ventiladas por suas amplas janellas.

Possue um bom gabinete para a directoria. Separado do edificio ha dois commodos para a moradia do porteiro, ou mesmo do director.

Os recreios são arborisados e têm dous vastos galpões para abrigo das creanças durante as recreações.

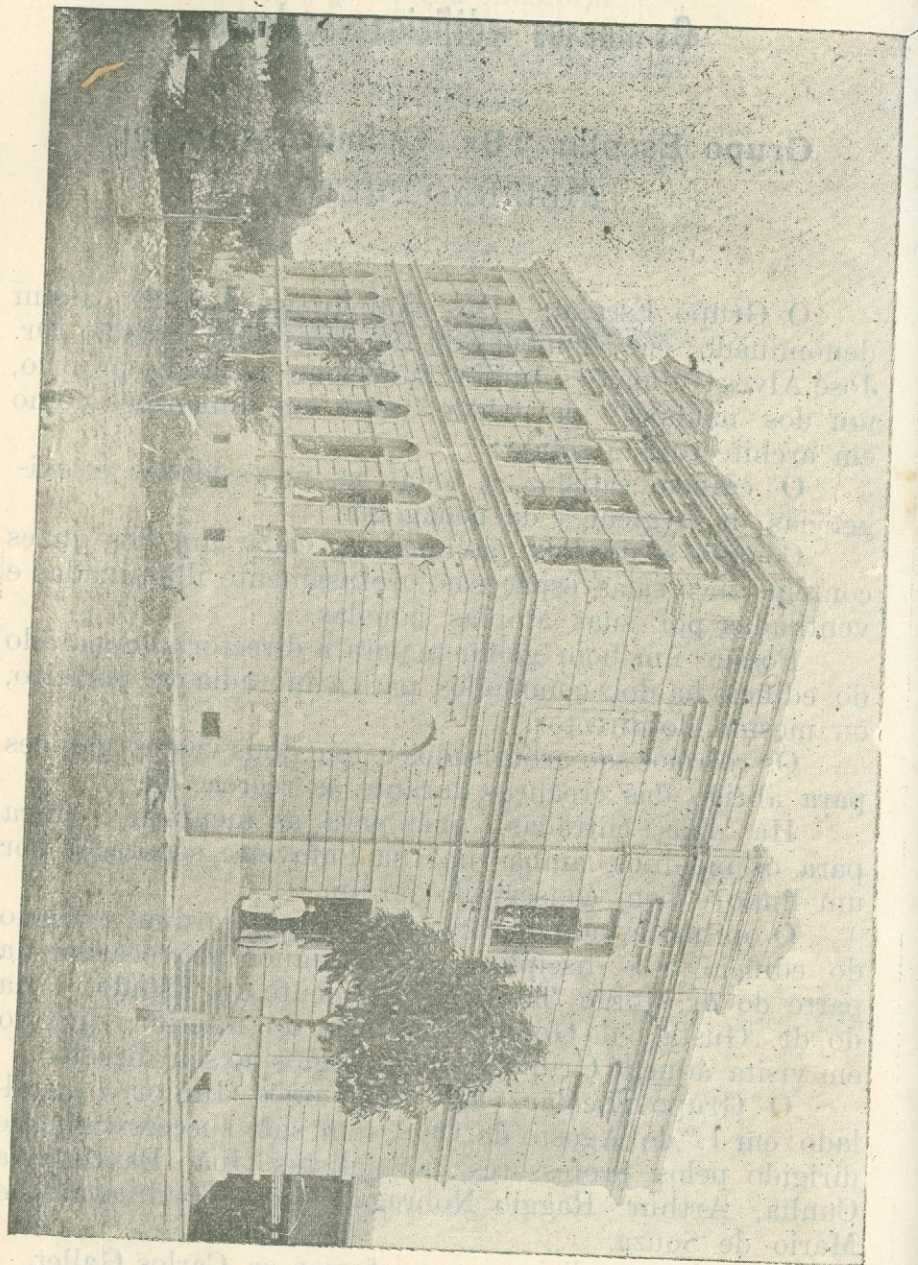
Ha duas entradas, uma para as meninas e outra para os meninos, ambas na rua Lafayette, separadas por um lindo e bem conservado jardim.

O optimo estado de conservação deste jardim, o asseio do edificio e a disciplina dos alumnos provocaram da parte do dr. Jorge Tibiriçá, presidente do Estado, e da do dr. Gustavo de Godoy, secretario do interior, quando em visita áquelle Grupo, francos elogios ao seu director.

O Grupo Escolar «Dr. Guimaraes Junior», instalado em 1.º de Agosto de 1902, tem sido successivamente dirigido pelos professores normalistas João Baptista da Cunha, Arthur Raggio Nobrega, Oreste Guimaraes, e Mario de Souza.

Actualmente dirige-o o professor sr. Carlos Gallet.

Grupo Escolar "Dr. Guimarães Junior" de Ribeirão Preto.



MOVIMENTO ASSOCIATIVO

A sede da Associação Beneficente do Professorado Público do Estado é á rua de Sancta Thereza, n. 28.

Acha-se aberta, nos dias uteis, das 6 ás 9 horas da noite.

Toda a correspondencia social deve ser enviada para a caixa postal n. 183.

O presidente da Associação, sr. Fernando Martins Bônilha Junior, reside á rua da Tabatingnera, n. 17; o thesoureiro, sr. Isidro Denser, á rua Vergueiro, n. 110; o 1º secretario, sr. Antonio Pereira Baptista, á rua America, n. 13; o procurador social, sr. José Theodoro Xavier Sobrinho, á rua Conselheiro Ramalho, n. 106.

O thesoureiro é diariamente encontrado na sede social, das 7 ás 8 horas da noite.

A *Revista de Ensino* é publicada sob a responsabilidade da Directoria, mas o seu editor responsavel é o presidente da Associação.

O redactor-secretario deste organ é o sr. professor Augusto Ribeiro de Carvalho, a quem deverá ser dirigida toda a correspondencia que diz respeito áquella publicação.

Os preços de assignaturas da *Revista* são os seguintes:

Anno.	10\$000	Semestre.	5\$000
Numero avulso			2\$000

Todos os socios quites são considerados assignantes da *Revista*, sem retribuição alguma.

Os associados pôdem obter a *Revista* com abatimento de 50 % sobre os preços de assignaturas.

A directoria, de acôrdo com o art. 43 dos Estatutos, poz em execução um regulamento da caixa de auxilios condicionaes, o qual será distribuido a todos os associados.

Nas disposições transitorias dos actuaes Estatutos ha dois artigos pelos quaes poderão fazer parte do quadro social, como socios effectivos e com isenção de pagamento de joia —até 31 de dezembro do corrente anno—os professores que já foram associados por mais de 6 mezes; e até 31 de outubro, todos os que pagarem a quota respectiva de annuidades.

A directoria realizou durante este anno nove sessões ordinarias e duas extraordinarias, em que foram propostos e acceptos como socios effectivos mais 29 professores.

Foi contractado pela directoria o habil advogado — sr. dr. Henrique Coelho—para defender os interesses da Associação e dos associados, o qual já deu principio ao seu trabalho.

Afim de evitar reclamações relativamente á correspondencia, é de grande necessidade que os senhores associados, sempre que mudem de residencia, o communicem ao secretario.

Foi expedida, como meio de propaganda, a todos os professores do Estado que não fazem parte do quadro social, a seguinte circular, acompanhada de um exemplar dos Estatutos:

Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado de S. Paulo
fundada em 27 de Janeiro de 1901.

Illm. Sr. Professor.

A Directoria da Associação Beneficente do Professorado Publico tem a honra de vos offerecer um exemplar dos seus Estatutos reformados em Assembléa Geral de 13 de Maio do corrente anno e chama para elles a vossa attenção.

Como associação da classe, a sua acção benefica não se limita sómente a prestar auxilios pecuniarios a seus associados em caso de doença e morte, mas trata tambem de defender os interesses do professorado publico em geral e os dos seus membros em particular, quer pela imprensa ou

pela tribuna, quer judicialmente quando se tornar necessario recorrer aos tribunaes, para o que já tem contracto com um distincto advogado.

Si a maioria dos professores publicos do Estado, classe tão numerosa e que presta assignalados serviços ao povo e á Republica, sempre amesquinhada, sem estímulos e sem ter uma remuneração compensadora dos seus esforços, não se unir ao numero relativamente pequeno dos que sustentam esta associação, ella quasi nada poderá fazer em beneficio da classe e mesmo de cada um de seus socios. Por isso ousa a Directoria appellar para o dever de solidariedade de todos os professores e convida-vos a encher a proposta junta e devolver-lh'a, afim de serdes incluídos no quadro social e cooperardes, assim, para que a Associação possa ampliar os beneficios a cada um de seus membros e adquirir mais força na defeza da nossa classe.

Para convencer-vos da utilidade desta Associação, negada só por alguns espiritos refractarios ao principio associativo ou dominados por mal disfarçado despeito, basta a logica dos algarismos que aqui vos apresentamos:

Soccorros prestados aos socios desde 1901
até junho de 1907

Auxilios definitivos em casos
de doença e morte, 19:370\$760

Pensões a viúvas de
sócios, 5:539\$700

Auxilios condicionaes, 144:755\$650

Estes algarismos constam nos balancetes e nos livros de escripturação.

Para facilitar a entrada de novos socios, a Assembléa Geral resolveu dispensar o pagamento de joia a todos os que forem propostos e pagarem suas mensalidades até 31 de outubro do corrente anno, sendo esse prazo prorogado até 31 de dezembro para aquelles que já pertenceram ao quadro social por mais de 6 mezes.

S. Paulo, 31 de julho de 1907.

A Directoria,

Fernando M. Bonilha, PRESIDENTE;
Justiniano Vianna, VICE-PRESIDENTE;
Antonio Pereira Baptista, 1.º SECRETARIO;
José G. Pereira Bittencourt, 2.º SECRETARIO;
Isidro Denser, THE SOUREIRO.

Conselho Fiscal;

J. F. Marcondes Domingues,
Carlos da Silva Bellegarde,
Miguel Carneiro Junior.

POSTOS MEDICOS

1)—DR. CARLOS MEYER—E' encontrado na sua residencia, á rua Sebastião Pereira, n. 72, até ás 9 horas da manhã. Dá consultas gratuitas aos associados e faz visitas diurnas ás suas respectivas familias na Capital, pelo preço de 5\$000. Tambem se promptifica a fazer gratuitamente, analyses em escarros, catarrhos e outras substancias, para elucidação de diagnosticos clinicos.

2)—DR. ALVARO DE OLIVEIRA RIBEIRO.—Dá consultas gratuitas aos associados. Consultorio e residencia — rua Victoria, n. 158, Pharmacia da Fé.

3)—DR. ROBERTO GOMES CALDAS.—Dá consultas nas mesmas condições do dr. Meyer. Consultorio — rua de S. Bento, n. 38; residencia — rua Major Quedinho, n. 5.

4)—DR. FABRICIO VAMPRE' — Dá consultas gratuitas aos associados e ás suas familias. Residencia — alameda Barão de Piracicaba, n. 3; consultorio—rua Marechal Deodoro, n. 1.

5)—DR. LYCURGO PEREIRA — Presta seus serviços clinicos, nas seguintes condições:
visitas 5\$000
consultas aos associados gratis
consultas ás pessoas das familias dos associados 3\$000
Consultorio—rua de Sancta Thereza, n. 9.

6)—DR. N. SOARES DO COUTO — Presta seus serviços clinicos aos associados, nas seguintes condições:
visitas nos domicilios 5\$000
consultas 3\$000
Residencia e consultorio — rua Duque de Caxias, n. 22.

Secretaria da Associação Beneficente do Professorado Publico, em setembro de 1907.

O Secretario,

ANTONIO PEREIRA BAPTISTA.

DENTISTAS

1)—JAYME TEIXEIRA, cirurgião dentista. Presta seus serviços profissionais aos associados e ás suas familias, por preços módicos.

Gabinete e residencia á rua General Jardim, n. 63.

2)—MARIO LAS CASAS. Presta seus serviços profissionais, tambem por preços módicos.

Gabinete — largo d. S. Bento, n. 12.

OBSERVAÇÃO. — Os srs. associados devem tractar, previamente, os preços relativos aos trabalhos da arte dentaria, afim de serem evitadas reclamações possiveis.

PHARMACIAS

Fornecem medicamentos aos associados, com abatimento de 20 %

1)—PHARMACIA DE SANCTA THERESA, de Ignacio Puiggari, á rua de Sancta Thereza, n. 9.

2)—PHARMACIA E DROGARIA, de João dos Santos & Comp., a rua de S. Bento, n. 66.

3)—PHARMACIA ASSIS, de C. de Assis Ribeiro, á rua 15 de Novembro, n. 2.

4)—PHARMACIA RODRIGUES, de d. Altina Rodrigues, largo do Jardim, n. 32.

NOTICIARIO

GREMIO NORMALISTA « DOIS DE AGOSTO »

Esta associação, interpretando os sentimentos patrioticos dos alumnos da Escola Normal, tem commemorando condignamente as nossas datas nacionaes.

Tivemos occasião de assistir ás ultimas dessas commemorações —a de 7 de setembro—que se realizou no salão nobre do Jardim da Infancia, justamente quando os illustres membros do Sexto Congresso de Medicina e Cirurgia visitavam a Escola Normal, as annexas e o Jardim da Infancia.

A sessão começou ás duas horas da tarde, sendo presidida pelo dr. Alfredo de Brito, director da Faculdade de Medicina da Bahia e presidente do Congresso Medico, a convite do professorando Oscar Guilherme, presidente do *Gremio*.

Foi então executado o seguinte programma, impresso no verso de uma copia do bellissimo quadro de Pedro Americo, representando o grito da Independencia.

I. *Hymno da Proclamação* —cantado pelas alumnas da Escola Complementar.

II. *Discurso*, pelo professorando Affonso Cesar de Siqueira.

III. *O Juramento do Arabe*, de Gonçalves Crespo, pela senhorita Benedicta Vasconcellos, do 3.º anno da Escola Normal.

IV. *Petit Enfant*, de E. Missa, canto a duas vozes.

V. *Le Renard et la Cigogne*, pela senhorita Marietta Ribas, do 3.º anno da Escola Normal.

VI. *Home*, de Montgomery, pela senhorita Agalena Rodrigues, do 3.º anno da Escola Normal.

VII. *Romance da Mignon*, de A. Thomas, pela senhorita Nathalina Medeiros e acompanhado ao piano pela senhorita Theodora Bayma.

VIII. *Adeus de Gonzaga*, de José Bonifacio, pelo professorando Miguel Milano.

IX. *Giorno Desiato* de G. Branzoli, (piano e bandolins) pelas senhoritas Lucinda Ramos Pinto, Sarah Ribeiro, Francisca O. Arruda, Leopoldina Gomes Ribeiro, Maria Nazareth de B. Leite, Lucia Bressane, Maria Luiza de Barros, Maria Amalia Luz, Maria José de Camargo e srs. José B. Ramos Pinto e Fernando di Lorenzo.

X. *Hymno Nacional*, a duas vozes.

Terminado o programma, o dr. Oscar Thompson, director da Escola Normal, saudou aos membros do Congresso Medico na pessoa de seu digno presidente—dr. Alfredo de Brito. Este respondeu agradecendo a saudação do dr. Thompson e o logar de presidente da sessão, e disse aos seus collegas que, de volta aos seus lares, deviam communicar aos governos de seus Estados o adiamento da instrucção publica paulista, cujos exemplos são dignos de ser imitados.

Essa esplendida festa literario-musical foi promovida pela seguinte comissão de socios do *Gremio Normalista*: stas. Elza Madeira, Sebastiana Martins, Emilia Pereira Borges, Maria Patarra

e srs. Deocleciano Pontes, Antonio F. Almeida Junior, J. Moura Guimarães e Elpidio Goulart.

Paul Doumer

No dia 16 de setembro, este illustre estadista francez visitou a nossa Escola Normal.

Não podia ser mais brilhante a festa promovida em honra do sr. Doumer.

A's 4 horas da tarde entraram no salão do Jardim da Infancia, que apresentava deslumbrante aspecto, o srs. Doumer, dr. Jorge Tibiriçá, presidente do Estado, dr. Gustavo de Godoy, secretario do interior, dr. Washington Luiz, secretario da justiça e segurança publica, dr. Carlos Botelho, secretario da agricultura dr. Oscar Thompson, lentes da Escola Normal, da Faculdade de Direito, da Escola Polytechnica e da Escola de Commercio e muitas pessoas da alta sociedade paulista, enchendo o vasto salão. Tomou a presidencia da sessão o dr. Thompson, dando inicio ao seguinte programma :

- I. *La Marseillaise*, par les élèves.
- II. *Compliments de bienvenue*, par mr. Paula Souza.
- III. *Petite causerie sur l'éducation civique*, par mr. José Feliciano.
- IV. *Quelques idées puisées dans "Le Livre de mes Fils,"* par l'élève Arlindo Pinto da Silva.
- V. *Petits Paysans*, (E. Missa) par les élèves.
- VI. *Trois sonnets de Sully Prudhomme*, par l'élève Leovigildo Martins.
- VII. *Le Linot* (fable de Florian), par l'élève Sebastiana Martins.
- VIII. *La France* (trois sonnets de Sully Prudhomme), par l'élève Gustavo Kuhlmann.

IX. *La Besace* (fable de la Fontaine) par l'élève Anna Rosa Ferreira.

X. *Hymne National*, par les élèves.

Este programma teve admiravel desempenho por todos os seus interpretes e, terminado, usou da palavra a alumna do 4.º anno da Escola Normal, mlle. Martha Cahen que, depois de pronunciar bellissimo discurso em francez, ofereceu ao sr. Doumer um album e um bouquet de flores naturaes.

Assomou finalmente á tribuna o insigne estadista que, com extraordinaria eloquencia, occupou por uma hora a attenção do auditorio, discorrendo sobre *l'éducation de la jeunesse*; antes, porém, de começar a desenvolver a sua these disse que a festa que a Escola Normal fazia em sua honra, era uma brilhante apothose de todas as festas que a elle promoveu o Estado de S. Paulo.

Prolongada salva de palmas cobriu as ultimas palavras do orador.

Hygiene Escolar

Eis algumas medidas particulares adoptadas na escola modelo annexa á Normal :

Febre.--Desde que o menino apresenta febre deve ser immediatamente retirado da escola.

Variola.--Em caso de *variola* deverá ser retirado; os livros destruidos; far-se-á desinfecção geral.—Os professores e alumnos serão revaccinados. Só depois de 40 dias poderá voltar o alumno já restabelecido.

Escarlatina.--Os enfermos serão retirados; livros e cadernos, destruidos. Desinfecção geral. Si, ape-

zar das precauções tomadas, apparecerem dentro de poucos dias muitos casos, fechar-se-á a escola durante 40 dias.

Sarampão.--Retirada dos enfermos, duração, 16 dias. Destruição dos livros e cadernos dos enfermos; sendo necessario, fechamento das classes frequentadas por menores de 6 annos.

Cataporas (varicella).—Retiradas successivas dos affectados.

Parotidite (cachumba).—Retirada successiva dos doentes, 10 dias.

Coqueluche (tosse comprida).—Retirada successiva dos enfermos por 1 mez.

Sarnas e empingens.—Retiradas successivas, volta depois do tratamento methodico.

Diphtheria.—Retirada dos enfermos por 40 dias.

Destruição de livros e outros objectos que possam ser contaminados. Desinfecções seguidas.

Professorandos de 1907

Receberão diploma de professores normalistas os alumnos do 4.º anno: Julia Cordeiro, Laura Martins de Mello, Maria Augusta de Avila, Carlota Amaral, Antonia Adalgiza Ramos, Benta Teixeira de Carvalho, Martha Cahen, Noemia Majano, Maria Patarra, Lucinda Ramos Pinto, Leonor Garcia, Odila Fagundes, Ermelinda Adelia Appelt, Sarah Ribeiro, Edwiges de Alencar, Maria da Conceição Arantes, Maria C. de Paula Franca, Vanda Brier, Maria Augusta de Siqueira, Leonor Rifano, Julieta Borges de Moraes, Mathilde Medina, Izolina de Almeida Mello, Dulce Eliza de Franca, Maria Fer-

reira, Alexandrina Arantes, Leontina Londijiani, Anna Maria Ferrari, Antonia Marcondes Cezar, Euphrosina Rosa da Silva, Maria Elisa de Arruda, Maria Benedicta Fernandes, Sebastiana Thezeza Santangelo, Petronilha de Paula Brito, Julieta de Souza Unzer, Maria J. da Conceição Almeida, Astrogilda Maria de Alven, Maria das Dores dos Santos, Tracy de Paula, Maria das Dores Xavier de Campos, Jayme Candelaria, Ramilpho Luiz Pereira, Elpidio Goulart Ferreira, Oscar Guilherme Christiano, Miguel Milano, Affonso Cezar de Siqueira, Odilon Corrêa, João Candelaria Sobrinho, João Camillo de Siqueira, Herculano Rangel, João Caetano Pereira, Benedicto Ferreira de Albuquerque, João de Lima Paiva e Rogerio Pereira da Silva.

E' paronympho da turma o dr. Oscar Thompson, director de Escola, e orador o professorando Miguel Milano.

O quadro que está sendo feito pelo photographo M. Rizzo, será exposto no dia 1.º de Novembro.

Os diplomas serão recebidos solememente em a noite de 30 de novembro, no *hall* do Jardim da Infancia.

Está encarregada de tratar dessa solemidade a seguinte commissão: senhoritas Carlota Amaral, Sarah Ribeiro, Antonia A. Ramos e srs. Elpidio Goulart, Miguel Milano e J. Camillo de Siqueira. Sub-commissão: senhoritas Martha Cahen, Maria A. de Avila e srs. Odilon Correa e Rogerio Pereira da Silva.

Collaborações.

Do sr. dr. José E. C. de Sá e Benevides, lente da Escola Normal, recebemos um folheto, que encerra muitos dos seus diversos artigos publicados em varios jornaes. Gratos pela gentileza da offerta.

Fallecimento.

Falleceu, em Capivary, o joven professor José Arimathéa França, que por muito tempo residiu em Mogy-guassú. Deixou a familia, de que era o esteio e amparo dedicado, luctando com penosas difficuldades.

Sinceros pesames da *Revista*.

Benedicto Tolosa.

Este trabalhador e dedicado camarada de Miss Browne, a missionaria americana que esteve a serviço do Estado na organização da escola modelo, acha-se residindo definitivamente na capital.

Afastado do magisterio, s. s. estabeleceu-se com uma typographia, onde se acha á disposição dos amigos e collegas.

Sob sua direcção se publica semanalmente o *Mensageiro dos Educadores*, organ de campanha contra as injustiças que soffre a classe dos professores publicos.

O seu primeiro numero traz variada e fecunda collaboração e estampa o retrato do fallecido dr. Caetano de Campos, ex-director da Escola Normal de S Paulo.

Publicações

Recebemos as seguintes, cuja remessa agradecemos:

Do Mexico—*La Enseñanza Primaria*, da Capital; *Revista Escolar Chihuahuiense* ds Chihuahua;

Do Equador—*Boletín de las Escuelas Primarias*, de Guayaquil, provincia del Guayas;

Da Republica Argentina—*La Higiene Escolar*, supplemento de *El Monitor de la Educación Común*, *La Escuela Prática*, *El Magisterio*, *El Monitor de la Educación Común*, de Buenos Aires, *Revista de Educación*, de La Plata;

De Portugal—*Educación Nacional*, do Porto;

Do Maranhão—*Diario Official*, *Revista Annual*, do Centro Caixeiral, de S. Luiz;

Do Pará—*O Trabalho*, da Capital;

Do Ceará—*Revista de Ensino*, *Revista Escolar*, *Revista Andarilhica*, de Fortaleza, *Oitenta e Nove*, de Baturité; *A Palavra*, de Camocim;

De Alagoas—*Vinte de Julho*, de Pilar;

Da Bahia—*Ad Lucem*, *Boletim*, da Directoria da Agricultura, Viação e Obras Publicas;

Do Rio de Janeiro—*Tribuna de Fetropolis*, *O Izabelense*, de Sancta Izabel do Rio Preto;

Do Districto Federal—*Revista Didactica*, *Revista Militar*;

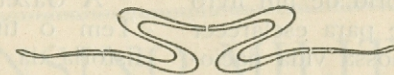
Do Paraná—*A Escola*, do «Gremio do Professorado Publico»;

Do Rio Grande do Sul—*O Taquaryense*, de Taquary;

De Minas Geraes—*O Monitor Sul Mineiro*, de Campanha, *O Passageiro*, de Tres Corações do Rio Verde, *O Resistente*, de S. João de El Rei, *Gazeta de Ubá*, *Gazeta de Ouro Fino*, *O Commercio*, de S. João do Nepomuceno, *O Araguary*, de Araguary, *A Voz do Povo*, de Poços de Caldas, *O Juvenil*, de Bom Successo, *O Guarará*, de Espirito Sancto do Guarará;

De S. Paulo—*Diario Official*, *Gazeta Clinica*, *Boletim*, da Repartição de Estatistica Demographo-Sanitaria, *Germania*, *O Rebate*, *A Platéa*, *Revista Polytechnica*, *A Verdade e Luz*, *A Nova Cruz*, da Capital, *O Mundo Occulto*, e *A Cidade de Campinas*, de Campinas, *A Folha e O Jundiaryense*, de Jundiary, *O Correio do Norte*, de Guaratinguetá, *Cidade de Bragança*, *Tribuna do Norte*, de Pindamonhangaba, *A Imprensa*, de Araraquara, *Gazeta e Correio*, de S. Carlos do Pinhal, *Tribuna do Povo*, de Araras, *Correio de Botu-*

cati, *A Folha e o O Mensageiro*, de Aparecida, *Republica*, de Ytu, *A Comarca*, e *O Mogyano*, de Mogy-mirim, *O Quinze de Novembro*, de Sorocaba, *Gazeta de Jacarehy*, *A Gazeta do Pinhal*, e *A Republica*, do Espirito Sancto do Pinhal, *A Cidade de S. João* e *A Jardineira*, de S. João da Boa Vista, *A Cidade e o Correio Palmeireense*, *O Tempo* e a *Cidade de Caxina*, *O Municipio*, de Lorena, *O Municipio*, de Pirassununga, *A Cidade de Dous Corregos*, *O Municipio e A Imprensa*, de S. Manoel do Paraizo, *A Gazeta de Capivary*, *O Cartel*, de Batataes, *O Correio Brotense*, *O Cravinhos*, *O Tietê*, *Correio do Serião*, de Avaré, *Imparcial*, de Sertãozinho, *Gazeta de Annapolis*, *O Mineireense*, S. João da Bocaina, *O Porvir* de S. José do Rio Preto, *Correio do Interior*, de Ribeirãozinho, *A Vera Cruz*, do Gremio Literario Recreativo de Casa Branca, *O Proletario* e *Rio Pardo*, de S. José do Rio Pardo, *O Bandeirante*, de Mogy-guassu, *O Escolar*, de Porto Ferreira.



ANNUNCIOS

Obras Didacticas do dr. Benevides

Licções de Historia da Civilisaçã (2.^a edição) 1 vol. cart. 5\$000;
— Licções de Historia do Brasil (1.^a edição) 1 vol. cart. 3\$000;
— Resumo da Historia do Brasil (3.^a edição) 1 vol. cart. 1\$000;
Edictores N. Falcone & C. — A' venda, em todas as livrarias,
em S. Paulo e na Capital Federal.

APRECIACÕES DA IMPRENSA

“Diario Popular”.—S. Paulo.—
« Do dr. Sá e Benevides recebe-
mos um exemplar das suas licções
de Historia do Brasil. O auctor
dividiu a sua obra historica em as
seguintes partes: *Introducção*,
que abrange os antecedentes histo-
ricos da descoberta do Brasil;
Tempos coloniaes; a Monarchia,
sob o 1.^o e o 2.^o imperio; e,
finalmente, a Republica — de 15
de novembro até á presidencia do
eminente dr. Prudente de Moraes.
A parte primeira está minuciosa-
mente tractada, relativamente ás
proporções do volume; a época
imperial foi apreciada com o bri-
lho da comprehensão dos elemen-
tos intellectuaes e dos factores
materiaes que propulsaram outro
desenvolvimento nacional; a ulti-
ma parte é uma simples resenha
de factos. E' proprio de um livro
elementar e serve para esclarecer
os episodios de nossa vida nacio-
nal e as conquistas liberaes da
opinião popular. »

“Jornal do Commercio”.—Rio.
« O dr. Benevides organiso e pu-
blicou um volume » Licções de
Historia da Civilisação « (1.^o edi-

ção) para uso de seus alumnos.
E' uma compilação clara, que
serve perfeitamente aos fins a que
a destinou o seu auctor. Como
compendio elementar de Historia
Geral é um dos melhores que
possuimos. »

“O Commercio de S. Paulo.”
—« Licções de Historia da Civili-
sação, organisadas pelo dr. Bene-
vides, lente da cadeira de Histo-
ria da Escola Normal. Seu auctor
coordenou nesse trabalho a expo-
sição dos mais notaveis historia-
dores, de modo a facilitar o estudo
e melhorar as condições de habi-
litação dos seus alumnos. Pela ra-
pida leitura que delle fizemos —
podemos affirmar que vem prestar
relevantes serviços ao magisterio
publico e á educação nacional. »

“A Gazeta de Piracicaba.” —
« Tem o titulo de « Licções de
Historia da Civilisação » o livro
recentemente escripto pelo dr. Be-
nevides, cujo recebimento já a
“Gazeta” noticiou. Seu auctor
presta com elle um significativo
serviço áquelles que procuram nos
bons livros um seguro elemento
de preparo elementar. »

REVISTA DE ENSINO

Vendem-se colleções encadernadas da

REVISTA DE ENSINO

pelos preços seguintes :

ANNO I	— 2 GROSSOS VOLUMES	20\$000
” II	— 1 GROSSO VOLUME	14\$000
” III	— 1 ” ”	14\$000

Licções de Instrucção Civica

Pelos Profs.

Arthur Breves e Izidro Denser

volume cartonado 3\$000

A venda nas prin-
cipaes livrarias

ENSINO MILITAR

Brevemente sahirá á luz um livro, contendo
as licções publicadas na «Revista de Ensino»,
pelo prof. Augusto de Carvalho.

Será dividido nas seguintes partes: *escola de
recruta sem arma; escola de recruta com arma;
escola de companhia; escola de batalhão; toques de
corneta relativos ao contexto do livro.*

SUMMARIO

	PAGS.
INSPECÇÃO DO ENSINO	3
Questões geraes	
O ENSINO, José Feliciano	6
Pedagogia pratica	
NOTAS DE PORTUGUEZ, de Luiz Cardoso	20
Diversos	
INSPECTORIA GERAL DO ENSINO	29
Literatura	
TIRADENTES, comedia em um acto de C. A. Gomes Cardim	37
POESIA, de Antonio Peixoto	41
NO MEU HORTO, de Francisco Gaspar	41
O SERÃO (inedita) D. Izabel Vieira Serpa	43
ELEGIA DE HOJE, de Wenceslau de Queiroz	44
Os nossos Edificios escolares	47
Movimento associativo	49
Noticiario	53
Annuncios	58

REVISTA DE ENSINO

ORGANIZADA

PELA

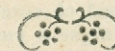
Associação Beneficente

DO

PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO

PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL

NUMERO 5

1907
TYP. TOLOSA--S. PAULO